

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC SP

KURT DAVI GOULART BRUM
kurt.brum@hotmail.com

**O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E A CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE SOCIAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA
ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE SÃO PAULO**

**ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS REFLEXIVAS E ENSINO-
APRENDIZAGEM DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA**

SÃO PAULO
2015

KURT DAVI GOULART BRUM

**O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E A CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE SOCIAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA
ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE SÃO PAULO**

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública, sob a orientação da Professora Doutora Ana Maria Affonso Cunha.

**SÃO PAULO
2015**

Dedico este trabalho a minha esposa Danielle, que sempre me apoiou em todos os momentos do desenvolvimento da pesquisa, com ternura, amor, compreensão e mais absoluta dedicação ao marido, tarefas domésticas e compromissos profissionais.

A minha mãe, D. Iris, que esteve comigo nas mais difíceis situações e sempre foi meu porto seguro para superar qualquer obstáculo, além de ser exemplo de retidão, determinação e sucesso.

Ao meu irmão, cunhada e sobrinhos, além de meus sogros, padrinhos e amigos que me acompanham por muito tempo nessa jornada e foram também muito importantes nessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, pois Ele é o responsável por me guiar na vida e me proporcionar momentos de profunda felicidade, provando que sem Ele, nosso êxito é impossível.

A minha esposa Danielle, sempre companheira em todos os momentos, sendo fonte de inspiração e alegria, compreendendo a falta de tempo que eu tinha para nós, em virtude dos compromissos profissionais.

A minha mãe, D. Iris, que sempre me apoiou nas empreitadas que tive na vida, mesmo não concordando com minhas escolhas, mas dando o máximo de suporte e torcendo muito pelo meu sucesso.

À orientadora Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Affonso Cunha, por seu empenho e instruções valiosas na confecção da pesquisa, além da sua paciência com os equívocos advindos do estudo e que, com sua orientação, tornaram-se virtudes.

A todos os professores que ministraram aulas para mim na PUC / COGEAE no curso de Especialização de Práticas Reflexivas, assim como todos os profissionais que me ajudaram de alguma forma.

Aos meus alunos das terceiras séries do Ensino Médio, que participaram dos questionários e entrevistas, fornecendo valiosas informações sobre o tema do trabalho. O agradecimento se estende aos pais, que permitiram a participação de seus filhos na pesquisa.

À direção da E.E. Vereador Elísio de Oliveira Neves, situada na cidade de Guarulhos, por permitir a realização da pesquisa.

Também agradeço a oportunidade concedida pela Secretária de Educação do Estado de São Paulo, em parceria com Associação Cultura Inglesa de São Paulo e a Pontifícia Universidade Católica, por tornar possível meu ingresso no Programa de Pós-Graduação.

"Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro."

D. Pedro II (Abr. 2014, www.todospelaeducacao.org.br, pág.3)

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi de analisar a possível influência da língua inglesa em alunos da terceira série de uma escola pública estadual da Grande São Paulo na construção de identidades sociais, bem como as representações que os estudantes fazem deste processo e de todos os envolvidos, como países, língua ou meios de comunicação. A motivação para a escolha foi o fato de apesar da população em geral, incluindo os participantes, estarem em contato direto com o idioma, seja por meio da tecnologia, moda ou entretenimento, poucos são fluentes. O tipo de pesquisa utilizada foi a qualitativa, pois, com a interpretação dos dados obtidos, tentou-se apresentar um estudo de relevância para a sociedade. Para a coleta de dados, foram utilizados questionários e entrevistas com um grupo de treze participantes de três terceiras séries do Ensino Médio entre os meses de agosto e outubro de 2014. Para a análise das respostas, a teoria sobre representações sociais de Moscovici (2003), Kern (2000) sobre visões de ensino-aprendizagem e Ciampa (2005) com os seus conceitos de construção de identidades foram empregadas. Os resultados das análises das respostas apontam que os colaboradores da pesquisa aprendem inglês pelo contato com a língua por meio de atividades de lazer como filmes e músicas, representam a sua relação com a língua positivamente como uma ferramenta de ascensão social e os países de língua inglesa, sobretudo os EUA, como exemplos de desenvolvimento social e poderio econômico. .

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, representações, língua inglesa, identidades sociais

ABSTRACT

The research's goal was to analyze the possible influence of the English language in Third Grade students of the High School in a State Public School in the Great São Paulo. In which way the language may influence them in the social identities' construction, as well the students' representation of the whole process, such as English-speaking countries, language and means of communication. The choice's motivation was that, in spite of the fact the population in general has direct contact with the language, including the participants of the research, through technology, fashion or entertainment, only a few people are fluent. The type of the research used was qualitative, because, with the interpretation of the data, I tried to present a relevant study for the society. In order to obtain information, questionnaires and interviews were used with a group of thirteen students of three classes of Third Grade of High School, between the months of August and October of 2014. To analyze the answers, Moscovici's (2003) Social Representations Theory, Kern's (2000) Learning and Teaching Language Approach and Ciampa's (2005) Identities Constructions concepts were employed. The results pointed out that the research's participants learn the English language by contact with leisure activities such as movies and songs, representing their relation with the language in a positive manner as a social rise's tool and the English-speaking countries, mainly USA, as an example of social development and economic power.

Key-words: teaching and learn, representations, English language, social identities

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Perfil de Colaboradores.....	34
Quadro 2	Tópicos e instrumentos de pesquisa.....	42
Quadro 3	Nível de conhecimento de inglês.....	47
Quadro 4	Busca do conhecimento de inglês.....	49
Quadro 5	Estudar em escola de idiomas.....	51
Quadro 6	Finalidade para o uso de inglês.....	53
Quadro 7	A importância do inglês.....	58
Quadro 8	Brasil X Países de língua inglesa.....	59
Quadro 9	Estudo do inglês e vantagens do idioma.....	61
Quadro 10	Representações de países de língua inglesa e o Brasil	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	17
1.2 FORMAÇÃO DE IDENTIDADES.....	19
1.3 VISÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS	22
2 METODOLOGIA DE PESQUISA	26
2.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	26
2.2 CONTEXTO DE PESQUISA	28
2.2.1 A escola	28
2.2.2 Os participantes	29
2.3 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	35
2.3.1 Questionário	35
2.3.2 Entrevista	38
2.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	40
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	45
3.1 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	46
3.1.1 Identificação com o uso do inglês	46
3.1.2 Finalidade do uso de língua inglesa.....	52
3.2 De que maneira o inglês influencia na formação de identidade do aluno	55
3.3 A representação que o aluno tem da língua, cultura e das nações anglófonas	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	68
ANEXOS	70
ANEXO A Questionário de pesquisa	71
ANEXO B Roteiro de Entrevista semiestruturada.....	73
ANEXO C Documentos para o Comitê de Ética.....	74

INTRODUÇÃO

Ingressei na carreira docente em 2008, lecionando em uma pequena escola de inglês e em um renomado curso pré-vestibular. Graduei-me e licenci-me nas habilitações de Português e Inglês em 2009 pela Universidade de São Paulo.

Durante a minha graduação, desenvolvi uma pesquisa que serviu para direcionar minha carreira, bem como iniciar em pesquisas acadêmicas. O ano era 2008 e, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marisa Grigoletto, desenvolvi um estudo sobre os discursos do presidente norte-americano George Bush na invasão ao Iraque em 2003.

Temas como Memória Discursiva, Intertextualidade e Representações de Atores Sociais foram abordados e, após a finalização do trabalho, tive o desejo de prosseguir nos estudos de pós-graduação.

Entretanto, antes de retornar às pesquisas, tive que percorrer um caminho longo, trabalhando no aeroporto de Guarulhos como agente de atendimento e sendo professor de Inglês e Português em duas instituições de ensino. Em 2011, iniciei no Serviço Público Estadual, após ser aprovado em concurso.

A escola que escolhi para trabalhar foi a mesma que finalizei meus estudos secundários, fiz meus estágios da faculdade e de professor ingressante, além de ser a escola em que minha mãe lecionava. Ou seja, estava bem ambientado à instituição.

Nos dois primeiros anos, 2011 e 2012, trabalhei com alunos de 11 a 14 anos, das quintas, sextas e sétimas séries. Apesar de conhecer bem a escola, a rotina de professor de escola pública e pelo fato de minha mãe ser docente por quase 30 anos, tive muitas dificuldades no período.

Problemas como conflitos entre alunos, situações de indisciplina e frustração pela aula não ter sido estimulante para os estudantes. Confesso que, embora fosse ciente das dificuldades e ter tido uma ótima formação, não estava totalmente preparado para lidar com essas novas demandas.

Pensando em me aperfeiçoar e melhorar na minha prática docente, busquei cursos e atividades para superar esses problemas. No primeiro semestre de 2012, atuei como tutor do Curso Inglês Online, iniciativa promovida pela Secretaria Estadual de Educação e a Fundação Padre Anchieta. A atividade me ofereceu subsídios para lidar com ferramentas eletrônicas que propiciam o aprendizado de inglês à distância.

Esse curso foi bem relevante para a minha carreira docente, sobretudo no uso das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação). Todavia, buscava mais oportunidades para me tornar um profissional mais completo.

No final do mesmo ano, fiquei sabendo do Curso de Especialização de Práticas Reflexivas de Ensino e Aprendizagem para Professores de Escola Pública, oferecido em parceria pela Associação Cultura Inglesa de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP e Secretaria Estadual de Educação.

Fiz o teste de inglês na Unidade da Cultura Inglesa de Guarulhos e obtive o nível para começar o curso na PUC no começo de 2013. Como estava também interessado em finalizar os estudos em língua inglesa e obter certificado de proficiência internacional, matriculei-me também na instituição britânica.

Consegui dois objetivos importantes para minha carreira: aperfeiçoar-me no idioma para ter condições para obter certificação de proficiência e iniciar um curso de Especialização em uma conceituada universidade, a fim de aprimorar a minha prática docente.

No curso de Especialização, trabalhei com matérias como Reflexão na / sobre Ação, Redação Acadêmica, Formação Tecnológica do Professor, Multiplicação e Construção Contínua do Conhecimento, Pronúncia do Professor entre outras. As atividades propiciaram um olhar reflexivo da prática docente, a relação professor-aluno, processo de ensino-aprendizagem e formação técnica e tecnológica.

Enxerguei nesse curso a oportunidade de retomar minhas pesquisas acadêmicas, com tema relacionado à Linguística Aplicada, próximo do que trabalhei na graduação, e uma chance de prosseguir na Pós-Graduação no nível de Mestrado e Doutorado.

A principal motivação para se fazer esse trabalho partiu da experiência que eu tive com o idioma em toda minha vida, seja através da cultura, esportes e entretenimento. Partindo da noção individual, pretendi realizar esse trabalho com os adolescentes que tinha contato, os estudantes das salas que leciono.

A presente pesquisa tem como tema a representação social que os alunos de escola pública têm sobre o ensino de inglês e como o idioma influencia na construção da identidade e na formação cidadã dos estudantes. Teve como objetivo analisar, a partir dos dados coletados, de que maneira a língua inglesa contribui no desenvolvimento da cidadania e no modo de pensar dos alunos da terceira série do Ensino Médio de uma escola pública em uma cidade da Grande São Paulo.

O local do estudo é o mesmo onde leciono, escola estadual na cidade de Guarulhos. No ano de 2014, ministrei aulas para jovens de 11 a 17 anos, que estavam matriculados nos

anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Os participantes escolhidos foram os alunos da 3ª série do Ensino Médio, pois, possivelmente, eles seriam mais críticos ao analisarem a influência do inglês em suas vidas.

No que tange ao contexto do ensino de inglês nas escolas públicas estaduais paulistas, o idioma é oferecido a partir do sexto ano do Ensino Fundamental II, duas vezes por semana. Portanto, os alunos têm à disposição, duas vezes por semana, durante sete anos, conteúdos desse idioma.

Entretanto, apesar dessa disponibilidade e da influência do inglês em nosso cotidiano, seja pela moda, por meio do entretenimento e da tecnologia, há uma pequena parcela da população que é fluente no idioma, como pode ser constatado na reportagem do *Jornal O Globo* de 30/09/2012.¹ Na reportagem, o periódico apresenta casos de pessoas que perderam grandes oportunidades profissionais por não dominarem o idioma.

O que o jornal apresenta na notícia é retrato do que é vivenciado no dia a dia, quando percebemos o uso pouco frequente nas ruas e até em aeroportos e hotéis internacionais, já que nem todos os funcionários dominam o idioma. Em eventos esportivos como a Copa do Mundo, houve o recrutamento de alguns voluntários para tentar resolver a pouca fluência no idioma da população em geral.

Na mesma reportagem citada, segundo levantamento feito pelo *British Council*, estima-se que apenas 5% da população seja fluente na língua inglesa. Diante desse quadro preocupante, o presente trabalho se mostra relevante no sentido de averiguar a presença do inglês e até que ponto ele influencia os jovens que estão frequentando as escolas públicas brasileiras, uma vez que essa geração poderá reverter esse quadro adverso.

Para tal, neste trabalho, são apresentados os documentos oficiais sobre o ensino de inglês, trabalhos sobre o tema e as teorias de ensino-aprendizagem preconizadas na legislação, procurando traçar um paralelo entre a teoria e a prática do ensino de inglês em escolas públicas. Além disso, são trazidas as preferências, impressões e desejos dos estudantes bem como a construção da sua identidade social através do ensino de inglês, pretendendo-se contribuir de alguma forma com o desenvolvimento do ensino da língua, aliando as abordagens teóricas com as necessidades de aprendizagem dos estudantes.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é o de contribuir de alguma forma para a melhoria do ensino-aprendizagem de língua inglesa, fornecendo indicativos para a construção da identidade do alunato e as ferramentas para se apropriarem do conteúdo do idioma.

¹ Leia mais sobre esse assunto em <http://oglobo.globo.com/economia/emprego/brasileiros-nao-sabem-falar-ingles- apenas-5-dominam-idioma-6239142#ixzz3NuJSyU9M>

Para tanto, os objetivos específicos são: analisar qual é a influência do inglês na construção da identidade do aprendiz e observar até que ponto o estudante está consciente desse fenômeno, por meio da representação que ele faz do idioma.

Para isso, foram propostas as seguintes perguntas de pesquisa:

- *Qual é a contribuição do ensino de inglês para a construção de identidades do aluno da terceira série do Ensino Médio de uma escola pública?*
- *Qual é a influência desse idioma no modo de pensar e de ver o mundo dos alunos pesquisados e como eles o representam?*

A Proposta Curricular do Estado de São Paulo apresenta a visão de que a disciplina de Inglês, denominada nos documentos como LEM (Língua Estrangeira Moderna), “contribui decisivamente para a formação do indivíduo, visto que possibilita o contato do educando com outros modos de sentir, viver e expressar-se” (SÃO PAULO,2008, p.41)

No referido documento, é observada a importância da língua estrangeira, no caso o inglês, como um agente importante na construção da identidade do indivíduo, pois o aprendizado de uma língua não envolve somente o conhecimento sistêmico, ou seja, o funcionamento interno da língua, mas a questão cultural e modos diferentes de pensar, que são fundamentais para a formação do caráter, já que o ser humano é um ser social, que se ressignifica através do contato com o outro.

Procurando facilitar as respostas para as perguntas de pesquisa, foram ainda levantadas as seguintes questões norteadoras:

- *Qual é o interesse dos alunos em relação à língua inglesa?*
- *Qual o papel do inglês na sociedade?*
- *Como os estudantes poderiam utilizar esse idioma em suas vidas?*

Outros pesquisadores já se interessaram pelo tema proposto neste trabalho. Por exemplo, Cunha (2003), faz uma pesquisa que aborda a temática de representação social cujo grupo colaborador é formado por professores, Passoni (2004), que trabalha com a representações da professora-pesquisadora e de alunos do 1º ano do curso de Letras sobre o processo de ensino-aprendizagem de inglês, Ricci (2007), que analisa as representações que alunos de 5º a 8º série do Ensino Fundamental fazem do processo de ensino-aprendizagem e

Souza (2009), que estuda as representações que os alunos de 5ª a 7ª série do E.M. têm do ensino de inglês e seu possível (des)interesse.

O trabalho de Cunha (2003) apresenta a construção de identidade do professor reflexivo, já que os participantes da pesquisa foram professores que trabalhavam na rede estadual de ensino e que haviam feito o curso de Reflexão na Ação da Pontifícia Universidade Católica. A autora observa as representações sociais que os professores carregam de suas experiências:

Os professores trazem as representações sociais que vivenciaram durante sua vida de estudos e de trabalho, já que fazem parte da construção dessas representações, tanto as experiências do indivíduo, quanto a sua relação com o meio social. (CUNHA, 2003, p.30)

Apesar de o grupo de colaboradores da pesquisa de Cunha (2003) e do meu grupo serem diferentes, professores e alunos constroem representações sociais através de suas experiências individuais e coletivas e, a partir dessas, a comparação da teoria com o que acontece na realidade se faz necessária. No caso da pesquisa de Cunha (2003), o resultado apresentado é um professor consciente da sua prática docente, falhas e virtudes, reconhecendo a importância do curso Reflexão na Ação para o profissional conhecer a si mesmo.

Passoni (2004) pesquisou a representação sobre o processo de ensino-aprendizagem com seus alunos de 1º ano do curso de Letras de uma Instituição de Ensino Superior do Estado de São Paulo. No seu trabalho, a pesquisadora apresentou as representações que ela e os alunos têm da figura do aluno, professor e do processo que envolve o ensino-aprendizagem.

De modo geral, as representações trazidas por Passoni (2004) são de que os alunos consideram o papel deles passivo, o professor como aquele que constrói o conhecimento e a língua como algo estrutural ou prática social. Já a docente enxerga os alunos como aqueles que também constroem o conhecimento, o professor como o que reflete sobre seu papel em sala de aula e a língua como algo aplicável na vida real.

As semelhanças entre a pesquisa de Passoni (2004) e a que está em questão são temas como representação e o processo de ensino-aprendizagem, além de certa proximidade de faixa etária entre os grupos de participantes, já que no grupo da pesquisadora são alunos que estão começando no Ensino Superior e na minha pesquisa são alunos terminando o Ensino Médio e na iminência de iniciar em uma universidade. Entretanto, a atual pesquisa difere da de Passoni (2004), por exemplo, no tema da construção de identidades.

Ricci (2007), por sua vez, analisa em seu estudo a representação que os alunos de 5ª a 8ª séries têm do ensino de inglês. A autora chegou à conclusão de que os estudantes possuem um sentimento positivo no que concerne à língua inglesa, vislumbrando-a como uma chance de ascensão social e melhorar de vida. A minha pesquisa e a de Ricci (2007) se aproximam pois analisamos alunos de escola pública e suas concepções de ensino de língua inglesa. Entretanto, diferimos nos objetivos, pois busco interpretar o grau de reflexão que os alunos têm do processo de ensino-aprendizagem, enquanto que em Ricci (2007) busca-se a representação, a imagem.

Souza (2009) também estuda a representação que os alunos da 5ª a 7ª séries fazem sobre o ensino-aprendizagem de inglês. A presente pesquisa e a de Souza (2009) convergem no que tange ao tipo de colaboradores, alunos de escola pública, entretanto, a diferenciação entre elas é que, enquanto Souza (2009) analisa o (des)interesse que o aluno tem com o ensino de inglês, no trabalho em questão há a intenção de interpretar como o aluno se vê influenciado pelo ensino de inglês e como a língua participa na formação de sua identidade, portanto, na sua formação cidadã. No caso da pesquisa de Souza (2009), o resultado é que a maioria dos alunos tem interesse no idioma, que é diminuído com o passar dos anos, já que o processo de ensino-aprendizagem não atende as suas expectativas.

Embora tratando do mesmo tema, este trabalho é diferente dos acima apontados porque além de analisar a representação que os alunos fazem do ensino de inglês, outras indagações foram feitas: o conceito que eles têm dos países de língua inglesa e a comparação com o Brasil, qual a influência que eles percebem no seu cotidiano e os planos que eles têm no futuro na utilização do idioma.

Para embasamento desta pesquisa, foram utilizadas as teorias de vários autores, destacando-se entre eles, Celani (2009), que possui larga obra dedicada ao tema de ensino-aprendizagem da língua inglesa; Jodelet (1989) e Moscovici (2003), com suas contribuições sobre atores e representações sociais; Ciampa (2005) e Rajagopalan (2002, 2003 e 2006), com seus conceitos a respeito da formação de identidades.

Celani (2009), em uma entrevista para a revista *Nova Escola*, afirma que com o ensino de um segundo idioma, o sujeito se insere no mercado de trabalho e tem um papel mais atuante na sociedade. Com base nessas informações, houve a análise sobre de que maneira a formação dos alunos de escola pública contribui para a inserção na vida social e o acesso aos bens de consumo, além da averiguação sobre suas expectativas para o futuro e como eles lidam com os desafios do ensino de idiomas na escola pública.

O Currículo Oficial do Estado de São Paulo, no que concerne ao estudo de língua estrangeira, afirma: “não se trata de privilegiar a gramática ou as funções, mas promover o conhecimento e o reconhecimento de si e do outro” (SÃO PAULO, 2008, p.43). Considerando essa afirmação, a ideia vigente de ensino de língua não é a mera decodificação de estruturas gramaticais ou linguísticas, mas ir além da superfície do idioma, ou seja, que, pela imersão na língua, o sujeito possa se apropriar do conhecimento e construir a si e aos outros com o uso efetivo do idioma e de práticas sociais, sendo um usuário competente dos conhecimentos adquiridos e um cidadão mais atuante na sociedade.

Jodelet (1989) apresenta o conceito de representações sociais, que pode ser entendido como uma construção coletiva de determinado objeto, sendo essa representação aceita e partilhada dentro da comunidade em que a noção foi elaborada.

Moscovici (2003), que também possui estudos sobre representações, aponta que a “representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes” (MOSCOVICI, 2003, p.62). O autor continua apresentando a sua concepção e explicando que na representação não há neutralidade, ou seja, quando há esse fenômeno, é emitido um juízo de valor, que pode ser positivo ou negativo.

Rajagopalan (2002, 2003 e 2006) e Ciampa (2005) são importantes para o desenvolvimento da formação de identidades, pois apresentam a relação do indivíduo com a sociedade e com o contexto sócio-histórico e como esses fatores influenciam na construção da identidade do indivíduo.

Além dos teóricos apontados, as visões de ensino-aprendizagem de inglês, a formação de identidades e as representações sociais também são discutidas nos documentos oficiais. Especificamente sobre as visões de ensino-aprendizagem, são grandes as contribuições trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), pelas Orientações Curriculares Nacionais (2006) e pela Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008). Também o teórico Kern (2000) traz importantes considerações sobre esse tópico, apresentando conceitos como Estruturalismo, Behaviorismo, Sociointeracionismo e Letramento.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. O capítulo 1, intitulado Fundamentação Teórica, está dividido em três seções nas quais são discutidos, respectivamente, os assuntos: Representações Sociais, Formação de Identidades e Visões de Ensino-Aprendizagem de Inglês.

No capítulo 2, cujo título é Metodologia de Pesquisa, são apresentados a abordagem metodológica, o contexto de pesquisa, os participantes, bem como, os instrumentos e procedimentos usados para a coleta e análise dos dados.

O capítulo 3, chamado de Apresentação e Discussão dos Resultados, é o espaço em que são relacionados os dados coletados com os pressupostos teóricos que embasaram todo o trabalho, procurando responder às questões de pesquisa e a verificação do alcance dos objetivos levantados.

Concluo a pesquisa com as Considerações Finais, nas quais além da avaliação da pesquisa, são apontadas as possibilidades de novos trabalhos assim como as contribuições do estudo feito.

Finalizando, apresento as Referências mostrando os autores que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho, seguidas pelos Anexos que complementam a pesquisa realizada.

A seguir, é desenvolvido o primeiro capítulo, que conforme já anunciado acima, traz a Fundamentação Teórica que embasa esta monografia.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo, subdividido em três seções, apresenta a fundamentação teórica que embasa o presente trabalho. Na primeira, há o estudo sobre representações conforme Jodelet (1989) e Moscovici (2003); a segunda traz a teoria sobre a formação de identidades na visão de Ciampa (2005) e Rajagopalan (2002, 2003 e 2006); na terceira, são abordadas as visões de ensino-aprendizagem da língua inglesa, nas resenhas dos documentos oficiais Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), além dos conceitos do autor Kern (2000), que apresenta as diferenças entre as visões de ensino-aprendizagem, dentro das abordagens estruturalista e de letramento.

1.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As representações sociais podem ser entendidas como um conjunto de crenças ou ideias sobre determinado objeto, cujos conceitos são aceitos por uma determinada comunidade.

Nesta seção, os trabalhos de Jodelet (1989) e Moscovici (2003) trazem a base teórica para se entender a noção de representação social, pensamento importante na análise da atual pesquisa sobre a construção que os alunos fazem do ensino de inglês e qual a sua relação com o indivíduo e a sociedade.

Jodelet (1989) teoriza as representações sociais como uma construção coletiva sobre determinado objeto, cujo sentido é partilhado por todos os membros de uma dada comunidade. (tradução nossa)²

Essa representação é construída pelo indivíduo pelo conhecimento de um determinado objeto, por exemplo, o idioma e a cultura estrangeira, e essa construção adquire significado nos valores compartilhados pela comunidade em que o indivíduo se insere. Conforme a autora, as representações são produtos extraídos de uma realidade exterior e elaborados psicológica e socialmente. (tradução nossa)³.

² La représentation sociale: c'est une forme de connaissance socialement élaborée et partagée, ayant une visée pratique et concourant à la construction d'une réalité commune à un ensemble social (JODELET 1989, p.36)

³ Les représentations sociales sont abordées à la fois comme le produit et les processus d'une activité d'appropriation de la réalité extérieure à la pensée et élaboration psychologique et sociale de cette réalité (JODELET 1989, p.37)

Na representação de um objeto, considerando essa atividade de apropriação exterior e elaboração psicossocial, pode-se supor que a pessoa (eu - indivíduo) o analisa e lhe atribui um significado, mas o sentido só adquire completude se essa representação encontrar correspondência na comunidade em que o indivíduo vive (relação eu - sociedade).

Jodelet (1989) salienta ainda o papel importante desse fenômeno: a representação constrói ativamente um ambiente e fatores individuais e sociais que são importantes na conduta do indivíduo. O que é representado pela pessoa sofre influência psicossocial, ou seja, a imagem é construída interna e externamente.

Outro autor que analisa o conceito de representações sociais é Serge Moscovici (2003), que as apresenta como um conjunto de estímulos feitos pelos homens: “Por representação social eu quero dizer um conjunto de estímulos feitos pelos homens, que têm a finalidade de servir como um substituto a um sinal ou som que não pode ocorrer naturalmente” (MOSCOVICI 2003, p.32).

No decorrer de seu trabalho, Moscovici (2003) apresenta o sentido clássico de representação como um instrumento que serve de explicação de um fenômeno e que tenha relação com uma crença geral de uma dada comunidade. O artifício mostra-se necessário para denominar e representar um objeto, para que esse se torne conhecido e seja partilhado socialmente.

O autor discorre também sobre os conceitos de ancoragem e objetivação. Sobre ancoragem, Moscovici (2003) apresenta a seguinte definição: “Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI 2003, p.61).

Pode se fazer um paralelo com a função da âncora em um navio, que serve para atracá-lo em um determinado lugar, sendo importante para que ele fique parado em um porto e não bata em uma rocha ou volte para o mar, dependendo das correntes marítimas. A ancoragem na representação social serve para colocar um objeto desconhecido no porto seguro da denominação e classificação. Com essa ferramenta, ele deixa de ser uma ameaça.

De acordo com essa visão, a representação atribui uma dada classificação a um objeto, categorizando-o, denotando-o, ou ainda fornecendo um nome para que ele se torne conhecido socialmente.

Para a objetivação, Moscovici (2003) apresenta a seguinte concepção: “é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é, já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância” (MOSCOVICI 2003, p.70). Com a objetivação, denomina-se um objeto impreciso, tornando-o

conhecido para toda uma comunidade, portanto, mais fácil de entendê-lo e de inferir significado e valor.

A diferença entre os processos é que na ancoragem o objeto é totalmente desconhecido e há necessidade de classificá-lo ou nomeá-lo a fim de neutralizar a ameaça do desconhecido. Já na objetivação, o objeto é conhecido parcialmente, mas é importante lhe atribuir um conceito ou qualidade, para eliminar a imprecisão e torná-lo aceitável socialmente.

Sintetizando, Moscovici (2003) apresenta o conceito de representações sociais como um conjunto feito pelos homens de uma classe geral de ideias. Para classificar um objeto, recorre-se ao artifício da ancoragem (classificar ou nomear algo) e ao da objetivação (reprodução de um conceito em uma imagem).

Observam-se semelhanças entre o que foi discorrido por Jodelet (1989) e Moscovici (2003), principalmente no que tange à influência social na representação de um objeto. Jodelet apresenta a representação como algo que é construído psicossocialmente e o valor é partilhado por uma dada comunidade. Visão semelhante é apresentada por Moscovici (2003), em que a representação é tida como um fenômeno social e artifícios como ancoragem e objetivação são utilizados por um grupo social a fim de retirar a imprecisão e a ameaça que um objeto pode vir a ser para a comunidade.

Na próxima seção, é apresentada a fundamentação teórica do conceito de identidade, a sua formação, quais fatores a influenciam e qual é a relação do indivíduo com a sociedade em que ele está inserido.

1.2 FORMAÇÃO DE IDENTIDADES

A identidade pode ser entendida de maneira geral como um conjunto de características e traços distintivos que determinam uma pessoa, comunidade ou país. Para discorrer sobre identidades, são resenhados os conceitos de Ciampa (2005) e de Rajagopalan (2002, 2003 e 2006).

Ciampa (2005) apresenta a questão do nome e a sua relação com a sociedade: “...a questão de nome não se restringe à relação com a família. Refere-se também à nossa localização na sociedade, totalidade da qual a família é parte, mediação entre indivíduo e sociedade” (CIAMPA 2005, p.143).

O que se pode depreender dessa afirmação é que o nome não está restrito apenas ao círculo familiar, mas vai além, pois mostra como um indivíduo está inserido social e

historicamente, pois pelo sobrenome, por exemplo, é possível saber os antepassados de uma pessoa e que lugar eles ocuparam na sociedade e na história.

No caso da pesquisa em questão, em que é analisada a influência de inglês na formação identitária do aluno, não há dentro do grupo estudado, a presença de sobrenomes de origem britânica, prevalecendo a origem latina. Entretanto, é perceptível, nos prenomes, a influência da cultura americana e britânica, já que entre os colaboradores, há estudantes com nomes originários desses países.

Se for analisar os nomes de alunos das escolas públicas, por exemplo, percebe-se a presença de nomes como Michael, Kevin, John, Jonathan, Clayton e outros, reforçando a ideia de que a música, o entretenimento e os esportes de origem anglo-saxônica são fontes de inspiração para o batismo de prenomes no Brasil.

Esses exemplos ilustram como o idioma e a cultura dominante podem influenciar outros países, desde o nome de batismo até a constituição de sua identidade social, que é explicitado com maiores detalhes com o auxílio do embasamento teórico.

Prosseguindo com a sua obra, Ciampa (2005) destaca a relação indivíduo/sociedade e como a pessoa se completa sócio-historicamente por meio dela: “eu- como qualquer ser humano – participo de uma substância humana, que se realiza como história e como sociedade, nunca como indivíduo isolado, sempre como humanidade” (CIAMPA 2005, p.179).

Nessa citação, o que é reforçado mais uma vez é a relação do indivíduo com a sociedade e a história, sendo que o desenvolvimento de sua identidade se dá pelas condições sociais e históricas em que ele vive e as suas próprias características. Ou seja, a identidade não é construída só individualmente ou só coletivamente, mas na relação que se estabelece entre essas instâncias.

Rajagopalan (2006), por sua vez, apresenta duas concepções de identidade, que são diferentes das que foram tratadas por Ciampa (2005). A primeira visão que é mostrada é aquela partilhada por seguidores de certas religiões que creem na vida após morte. Nessa visão, a identidade da pessoa é algo residente na alma ou na mente e que não perece.

A segunda noção de identidade, dessa vez, apoiada na noção do racionalismo cartesiano, crê na imutabilidade da identidade. Para se entender essa noção, é necessária uma breve introdução de René Descartes.

Descartes foi um filósofo francês que viveu no século XVII e é considerado o pai da corrente filosófica racionalista. Dentro dessa perspectiva, o *eu* é tido como substancial e o ser

é definido com a famosa frase do filósofo “*Cogito, ergo sum*” (Penso, logo existo). O princípio inato da identidade é algo acabado e pronto, garantido previamente.

Rajagopalan (2006) relaciona a concepção de imutabilidade da identidade de Descartes a entes singulares como nome de pessoas e lugares e entes genéricos, como, por exemplo, o homem, o macaco ou a abelha.

Nessa noção, a identidade é vista como derradeira e inegociável e qualquer um que fuja dessa definição e do senso comum é taxado como aberração (ex. lobisomem ou vampiro). Não existe uma identidade meio humana, meio aberração, uma vez que ela é completa e pertence ao que é considerado normal.

As duas concepções apresentadas por Rajagopalan (2006), a primeira baseada em certas religiões que creem na identidade como residente na mente e na alma e a outra noção baseada no cartesianismo são importantes para fazer um contraponto com o que foi apresentado por Ciampa (2005): a identidade de um indivíduo relacionada às condições sócio-históricas, influenciando em sua construção. Há, no caso das religiões e de Descartes, algo individual, pronto e não relacionado com os aspectos sócio-históricos e, do outro lado, apresentado por Ciampa (2005), a identidade de um indivíduo se construindo por meio das relações com esses fatores.

Rajagopalan (2003), mostra nesse trabalho a sua visão de identidade que é oposta principalmente à da noção cartesiana, que a defende como algo já pronto e garantido previamente. A concepção divergente é assim apresentada pelo linguista: “do ponto de vista pragmático, as identidades são ou impostas ou reivindicadas, nunca dadas de antemão” (RAJAGOPALAN 2003, p. 37).

Nessa afirmação, a construção de identidade pode ser entendida como reivindicada pelo indivíduo pelo lugar que ele ocupa na sociedade ou imposta pelas condições sócio-históricas em que se encontra. Essa afirmação encontra eco no que foi apresentado por Ciampa (2005) e no que o próprio Rajagopalan(2006) mostra nessa oportunidade.

Rajagopalan (2002), mais uma vez, defende uma noção de identidade que difere daquela que é imutável e inegociável, do ponto de vista cartesiano, ou presente na mente ou na alma, como acreditam algumas religiões.

Nesse estudo apresentado pelo autor, a identidade de um indivíduo está em constante construção e por meio do discurso ela vai se moldando e adquirindo forma. Essa concepção também encontra ressonância no que Ciampa (2005) aponta sobre a relação do indivíduo com a sociedade e a história, ou seja, a pessoa vai formando a sua identidade discursivamente na relação com o outro.

Essa noção de construção contínua da identidade é relacionada por Rajagopalan (2002) com a concepção de que a língua também está nesse mesmo processo, evidenciando o indivíduo que é usuário da língua, participante da sociedade e da história, destacando o dinamismo da identidade e da sociedade, que estão em constante processo de reformulação.

Na próxima seção, as visões de ensino-aprendizagem de inglês são apresentadas e como essas abordagens foram trabalhadas nas escolas no decorrer do tempo.

1.3 VISÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS

Na presente seção, a análise das visões sobre o ensino-aprendizagem de inglês no Brasil está alicerçada na Proposta Curricular do Estado de São Paulo / Inglês (2008), nos Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Estrangeira - PCN/LE (1998), nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) além do trabalho de Kern (2000), que apresenta as abordagens Comunicativa, Estruturalista e de Letramento, analisando com mais detalhes as duas últimas. Esses trabalhos são importantes para se entender as abordagens metodológicas que predominaram com o passar do tempo e suas implicações no ensino-aprendizagem de inglês em larga escala.

Sobre a presença da disciplina de Língua Estrangeira Moderna, denominada LEM, nas escolas públicas, o documento paulista salienta que o ensino da disciplina “contribui para a formação do indivíduo, colocando-o em contato com outras formas de se expressar e de se comunicar com o mundo” (SÃO PAULO 2008, p.41)

No referido documento, há a indicação de que com o contato com a língua estrangeira, o aprendiz desenvolve a sua identidade linguística e cultural, contribuindo para sua formação humana e cidadã.

É apresentada a noção do ensino de inglês como propiciador de uma formação individual e social do indivíduo, colaborando para a construção da identidade social do aluno através do contato com outra língua, outra cultura, outro modo de ser. Ou seja, a formação da identidade do indivíduo se completa na relação com o outro, representado pela língua estrangeira e sua cultura.

Já as Orientações Curriculares para o Ensino Médio apresentam o seguinte objetivo para as aulas de língua estrangeira, no que tange à formação cidadã e a relação que o indivíduo tem com seus semelhantes e com a sociedade:

[...] propõe trabalhar no âmbito da formação de indivíduos, de cidadãos – se focalizar um aspecto já mencionado anteriormente: o de trabalhar em prol de uma “alfabetização” dos alunos (indivíduos, cidadãos) (SOARES,2004) condizente com as necessidades da sociedade em que vivem, de uma sociedade que tem as suas próprias características, porque é interpelada por uma história e uma cultura em constante construção e reconstrução. (BRASIL, 2006, p.97).

Sobre o ensino de LEM, a Proposta Curricular (2008) aponta que ele se iniciou em 1855 e, com o decorrer do tempo, a metodologia e a visão de linguagem foram se modificando. A primeira visão predominante foi a estruturalista.

A ênfase estruturalista tinha como palavra chave o SABER. O domínio do sistema linguístico (gramática), o padrão prescritivo e os textos serviam de base para analisar a estrutura gramatical da língua. O ensino da gramática se dava através de frases isoladas, não levando em consideração o contexto. Havia a preocupação de dissecar a natureza da língua, conhecendo-a internamente, para que, posteriormente, o aluno pudesse ter acesso a textos na língua-alvo, como por exemplo, obras literárias.

A segunda fase teve o predomínio da ênfase comunicativa, que tinha como palavra-chave o FAZER e as seguintes características: língua em uso, funções comunicativas, foco na oralidade e uso de diálogos. Com o predomínio da oralidade, exercícios como cumprimentos, troca de informações e teatralização de situações cotidianas eram práticas comuns.

Percebe-se, portanto, a mudança no foco, já que na ênfase estruturalista o objetivo era capacitar o aluno a ler na língua-alvo enquanto que na ênfase comunicativa o objetivo era utilizar a habilidade de expressão oral.

A terceira e atual fase tem a ênfase no letramento e as seguintes características: palavras-chave como FAZER e REFLETIR; relações entre forma e uso, relação entre os textos orais e escritos e foco no pensar e agir em língua inglesa, refletindo sobre o uso do idioma.

Na fase do letramento, há produções orais e escritas; porém o objetivo é tornar o aluno um usuário competente da língua, que possa manipulá-la e refletir sobre os diferentes usos e relações de sentido que o idioma apresenta.

A mudança de foco é clara na explicação da proposta: “Não se trata mais de privilegiar a gramática ou as funções comunicativas, mas promover o conhecimento e o reconhecimento de si e do outro” (SÃO PAULO 2008, p.43). Nessa fase, o contexto e o interlocutor são levados em consideração na aquisição de uma língua estrangeira.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Estrangeira (1998), denominados doravante como PCN-LE, justificam a aprendizagem de língua estrangeira como uma

possibilidade de ter acesso a outras formas de agir e de pensar, uma vez que o mundo social é construído através da palavra.

Os PCN-LE (BRASIL, 1998) apresentam as três visões de linguagem, sob o ponto de vista psicossocial, que predominaram no ensino de línguas no século XX: Behaviorismo, Cognitivismo e o Sociointeracionismo.

No Behaviorismo, o conceito de ensino-aprendizagem está centrado no processo que tem como método a automatização de novos hábitos da língua-alvo. O aprendiz adquire a nova língua através do estímulo e da repetição até internalizar o idioma estrangeiro.

O Cognitivismo, por sua vez, está centrado no aprendiz e a noção de erro é considerada como parte do processo. Nessa visão de ensino-aprendizagem, o estudante entra em contato com o novo idioma, formulando hipóteses sobre a gramática dessa língua e relacionando-a com a língua materna. Dessa comparação, surge a interlíngua, que é a mescla das duas e, por meio de processos mentais, o aluno evolui na língua estrangeira.

Na visão sociointeracionista da linguagem, o estudante aprende o idioma estrangeiro na relação com o professor ou com os colegas da sala. O foco está na interação e o docente é visto como o par competente desse processo de aquisição da linguagem.

Kern (2000) faz uma breve comparação entre o modelo estrutural, considerado pelo autor como tradicional, com o que é baseado no letramento. O autor apresenta o papel do professor no modelo tradicional como a pessoa que toma conta de todas as situações em sala de aula e os alunos são aqueles que precisam adquirir o conhecimento do mestre. Há uma polarização de papéis, sendo o professor o detentor do conhecimento e o aluno, o indivíduo que precisa se completar, absorvendo o conhecimento que o docente possui⁴.

Já a abordagem baseada no letramento, que Kern (2000) chama de contemporânea, é centrada no aprendiz e é representada pelo conhecido lema: “o professor é o guia do lado, não o sábio do tablado” (tradução nossa)⁵.

Kern (2000) prossegue apontando os 3 “Rs” que estão no processo de ensino-aprendizagem baseado no letramento: Responder, Revisar e Refletir.

No termo Responder (*Responding*), o autor afirma que o estudante é estimulado não apenas a responder ao texto que é proposto em sala, mas encontrar nele respostas a algo mais

⁴ the traditional ‘authority’ role: the teacher is the one who is always right, the one who has the knowledge the students needs to acquire, the one who manages and controls everything that happens in the classroom. This role tends to polarize responsibility for learning. (KERN 2000, p.306)

⁵ A more contemporary teacher role, born of communicative, ‘learner-centered’ language teaching, is represented by the well-known motto, ‘The teacher is the guide on the side, not the sage on the stage’. (KERN 2000, p.307)

profundo, que é anterior ao próprio texto. Nessa fase, não há apenas a reação superficial à atividade, mas ir além do que o autor chama de correção do erro.

Na fase seguinte, Revisar (*Revising*), o aprendiz é encorajado a reler, reescrever, repensar e remodelar o texto. Se no estágio do Responder, o estudante se detém ao significado e no sentido do texto e a sua relação com o mundo, no Revisar, ele trabalha com a estrutura e manipula a linguagem e o sentido do texto, dialogando com ele e ressignificando-o.

Finalmente, no estágio de Refletir (*Reflecting*), Kern (2000) aponta a importância de o professor se atentar à cultura da língua-alvo bem como com a cultura em que o aprendiz está inserido, fazendo ele o papel de mediador entre as duas e tornando mais significativo o processo de aquisição da linguagem.

Tanto Kern (2000) quanto a Proposta Curricular (2008) apresentam a mesma diferenciação entre as abordagens baseadas no Estruturalismo e no Letramento. No Estruturalismo, o estudo da superfície da língua, sua estrutura gramatical dá conta das necessidades da sala, sendo o professor o centro do processo.

Já na abordagem baseada no letramento, o aprendiz ganha importância no processo de ensino-aprendizagem, e professor deixa de ser o detentor do conhecimento para ser o facilitador da aquisição. Kern (2000) justifica a importância do letramento com a afirmação de que os professores de língua fazem mais do que apenas instruir detalhes da linguagem. Eles ensinam novos jeitos de ser/estar no mundo (tradução nossa)⁶

A concepção de letramento de Kern (2000) também encontra eco no que é apresentado na proposta paulista e nacional em relação ao processo de ensino-aprendizagem de inglês, uma vez que o trabalho com a linguagem implica uma comparação entre a cultura, a história do contexto social dos países de língua inglesa e o Brasil e como essas condições auxiliam na comunicação e no estudo de língua estrangeira.

Neste capítulo, foram apresentadas algumas noções sobre as representações sociais, a formação de identidades e algumas visões sobre o ensino-aprendizagem de inglês, procurando embasar teoricamente este trabalho. O próximo capítulo trata da Metodologia desenvolvida nesta pesquisa, bem como apresenta os participantes, o contexto e os instrumentos utilizados para coletar dados acerca do processo de ensino-aprendizagem de inglês dos alunos pesquisados.

⁶ Language teachers do much more than instruct learners in the structural details of a language. They teach new ways of being in the world. (KERN 2000, p.316)

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo são apresentadas as informações relacionadas à abordagem metodológica desta pesquisa, ao contexto em que ela foi realizada, aos participantes que dela participaram, bem como aos instrumentos que foram utilizados para a coleta de dados e os procedimentos adotados para a análise dos resultados.

2.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A abordagem metodológica desta pesquisa é a do estudo de caso, que é definido por Van Lier (2005) como uma pesquisa qualitativa e interpretativa. Caracteriza-se assim, porque foram interpretados os dados colhidos a fim de apresentar a visão dos alunos sobre o ensino de inglês, a formação da sua personalidade e os possíveis desdobramentos dessa experiência para a sua vida adulta.

Também foram utilizados os conceitos teóricos de Minayo (2009) sobre o estudo de campo e a pesquisa qualitativa; de Nunan (1996) e de Van Lier (2005) sobre a tipologia do estudo de caso e as definições dos tipos de pesquisa e a definição de pesquisa crítica de Liberali (2011).

O estudo de caso é definido por Nunan (1996) como híbrido e que geralmente utiliza uma série de métodos para coletar e analisar dados, não sendo restrito a um simples procedimento (tradução nossa)⁷. Ele é apontado pelo autor como uma investigação de um exemplo único no contexto em que ocorre. Esse autor ainda define o estudo de caso qualitativo como intensivo, possuindo uma descrição holística e análise de uma entidade singular, fenômeno ou unidade social.

Dentro desse contexto, o autor compara os profissionais que trabalham com pesquisa com aqueles que utilizam experimentos. De acordo com Nunan (1996), a pessoa que trabalha com experimentos faz a manipulação de variáveis a fim de determinar a sua significância, enquanto que os que fazem a pesquisa utilizam perguntas padronizadas para o seu público-alvo.

⁶ the case study is a hybrid' in that it generally utilizes a range of methods for collecting and analyzing data, rather than being restricted to a single procedure. (NUNAN 1996, p.74)

Outra característica que pode ser observada nessa concepção de Nunan (1996) é a unidade individual do estudo de caso, que pode ser averiguada em uma análise, por exemplo, com uma criança, turma, sala, escola ou comunidade.

Assim, o estudo de caso é nesta pesquisa caracterizado, pois procurou analisar o contexto em que o trabalho foi desenvolvido, não se utilizando apenas de um simples procedimento para se obter respostas para as perguntas norteadoras, mas questionando e entrevistando membros das turmas da terceira série do Ensino Médio, ou seja, uma comunidade escolar específica.

Nunan (1996) apresenta a seguinte tipologia para os estudos de caso, baseando-se em Stenhouse (apud Nunan 1996, p.78): **neo-etnográfico** – investigação em profundidade de um caso singular por um observador participante; **avaliativo** – uma investigação para avaliar uma política ou prática; **multilocal** – estudo executado por vários pesquisadores em mais de uma localidade; **ação** – uma investigação levada por um praticante da sala de aula em seu contexto profissional.

Das definições propostas acima, a que mais se aproxima do trabalho em questão é a tipologia ação, uma vez que apliquei a pesquisa no meu contexto profissional e analisei conceitos como formação de identidade e representação social em alunos pertencentes às turmas na qual ministro aulas.

Van Lier (2005), por sua vez, acerca dos tipos de pesquisa, expõe o termo particularização, que é a percepção do estudo de caso e como o contexto ao redor influencia o objeto de estudo. Por isso, na presente pesquisa, o contexto foi analisado, observando-se como ele está presente na construção de identidades e representações sociais do público-alvo em questão.

Minayo (2009, p.61) apresenta a concepção de trabalho de campo, que segundo ela, é importante para o pesquisador se aproximar da realidade que ele está investigando bem com os ‘atores’ desse contexto.

Como instrumentos para coleta de dados foram elaborados um questionário semi-dirigido e entrevista semi-estruturada. O questionário, composto de perguntas de múltipla escolha e dissertativas, procurou atender a dois requisitos: direcionamento das respostas e ao mesmo tempo proporcionar aos entrevistados liberdade para exporem as suas opiniões sobre o ensino-aprendizagem de inglês e a possível influência dessa língua em seu modo de pensar.

Já a entrevista teve o objetivo de complementar o que foi exposto no questionário, comparando as respostas dadas nos dois instrumentos, verificando semelhanças e diferenças,

além de oferecer interação entre os participantes, já que as entrevistas foram realizadas em grupos.

Na análise das respostas dadas no questionário e na entrevista utilizadas, a pesquisa quantitativa foi usada, na organização e tabulação dos dados, para em seguida, sob um olhar qualitativo, interpretar os dados coletados, relacionando os resultados com as teorias e pesquisas da área.

Como cita Minayo (2009), na pesquisa qualitativa é importante que haja interação entre o pesquisador e as pessoas que são os sujeitos da análise, a fim de que se obtenham dados relevantes para o estudo, o que se configura neste trabalho.

A noção de pesquisa crítica, conforme Liberali (2011), também foi utilizada, porque é apontada como uma espécie de ponte entre o teórico e o prático, tendo característica emancipatória, sendo o pesquisador visto como um agente social, apresentando um estudo de relevância à sociedade com possibilidade de transformação de um quadro adverso.

Portanto, por meio do estudo de caso e da pesquisa qualitativa e interpretativa, pretendeu-se conseguir informações relevantes sobre até que ponto o inglês pode influenciar a construção de representações e identidades sociais, objetivando com o estudo apresentar indicativos para que a relação professor-idioma-aluno possa se beneficiar com a pesquisa.

2.2 CONTEXTO DE PESQUISA

São apresentadas nessa seção informações referentes ao local onde a pesquisa foi realizada, no caso, a escola em que eu atuo, o entorno em que ela está inserida, bem como os participantes que preencheram os questionários e responderam as questões da entrevista feita.

2.2.1 A escola

A escola escolhida para ser o contexto de pesquisa é a mesma em que trabalho há mais de quatro anos, participando de reuniões com outros professores e ministrando aulas para todas as séries do Ensino Médio e para 6º ano do Ensino Fundamental, nos períodos matutino e vespertino respectivamente.

Trata-se de uma escola estadual localizada no município de Guarulhos, Grande São Paulo. Estão matriculados em torno de 1100 estudantes, alocados em 16 salas de aula.

Sua estrutura física é composta por 16 salas de aula, 2 salas de multimídia, 1 anfiteatro ao ar livre para eventos, 1 biblioteca, 1 sala de recursos pedagógicos, 1 secretaria, 1 sala do

diretor, 1 sala da vice-direção, 1 sala para coordenação e 1 sala de mediação. Há um espaço para laboratório de Ciências que no momento não está funcionando.

No período matutino, quando as turmas do Ensino Médio (E.M.) e da 8ª série/9º ano do Ensino Fundamental (E.F.) estudam, há duas salas ociosas que são utilizadas para aulas de reforço. No período vespertino, quando são atendidos os alunos dos Ciclos I e II do E.F. (exceção do 9º ano), todas as salas são utilizadas e as aulas de reforço são normalmente ministradas na biblioteca. Não há aulas noturnas na instituição.

A equipe gestora é composta por um diretor, uma vice-diretora, uma professora-mediadora e três professoras-coordenadoras. A clientela, na sua grande maioria, mora nas proximidades da unidade escolar. Há uma grande heterogeneidade no que concerne à classe social, nível cultural e aproveitamento em sala de aula.

A região é caracterizada por um comércio desenvolvido, próxima ao Aeroporto Internacional de Guarulhos, sendo este, juntamente com o setor de serviços, um importante empregador. No bairro da Unidade Escolar, além de um centro comercial movimentado, há igreja, clube comunitário, base policial e dois hotéis internacionais de cinco estrelas nas proximidades.

Levando em consideração as características do entorno, não é raro encontrar tripulantes de companhias aéreas ou hóspedes conversando em inglês, propiciando contato com o idioma às pessoas que frequentam e trabalham na região. Portanto, não só na escola os alunos têm acesso a essa língua, o que pode despertar a curiosidade deles, tanto para a linguagem quanto para a cultura em que ela se insere.

2.2.2 Os participantes

Os participantes deste trabalho são alunos das 3ª séries do Ensino Médio escolhidos por estarem finalizando seus estudos secundários, objetivando analisar como é vista a importância do inglês na formação de sua identidade e quais as expectativas em relação à presença desse idioma em seu futuro.

Além disso, há na própria Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) um reforço para essa escolha, ao ser definido que: “No Ensino Médio, os alunos, mais maduros afetiva, cognitiva e metacognitivamente, devem ter a oportunidade de utilizar e aprofundar em situações que propiciem o exercício de reflexão crítica, conhecimentos construídos anteriormente” (SÃO PAULO, 2008, p.44).

Mediante o exposto, houve a decisão de pesquisar os alunos dessa faixa etária, os estudantes das 3ª séries do Ensino Médio da escola contexto de pesquisa, que estão em contato com inglês há mais tempo e têm condições de fornecer dados importantes sobre qual é a influência do ensino-aprendizagem de inglês no desenvolvimento de suas identidades.

As três séries envolvidas na pesquisa possuem 109 alunos, sendo 36 na 3ªA, 37 na 3ªB e 36 na 3ªC. O perfil é diferente das três turmas. A 3ªA é considerada a melhor sala por muitos professores, devido ao seu nível de aproveitamento, comprometimento e comportamento. Já a 3ªB é tida como uma sala com comportamento imaturo e aproveitamento regular. A 3ªC tem rendimento satisfatório, participação efetiva e considerada uma classe bem “falante” por muito dos docentes.

Devido a esse perfil diverso entre as turmas, decidi utilizar o questionário e a entrevista com membros das três turmas, tentando preservar a heterogeneidade entre alunos e salas.

Como seria inviável questionar e entrevistar todos os alunos, a proposta inicial foi de trabalhar com uma amostragem que ilustrasse esse grupo, respondendo ao questionário inicial com a intenção, de acordo com as respostas, selecionar como grupo focal, um número menor de colaboradores, que também participaria da entrevista.

Tanto o questionário quanto a entrevista, ao final da seleção, teria o mesmo número de participantes a fim de manter a equivalência dos instrumentos. Os critérios de seleção são apresentados ao final desta seção.

No mês de agosto do ano letivo de dois mil e quatorze, mais precisamente no dia 27/08, apresentei a pesquisa às séries envolvidas, pedindo aos alunos a colaboração espontânea. Trinta e sete alunos oriundos das três turmas se ofereceram para participar do trabalho. A eles foram distribuídos os questionários, junto com as Autorizações para assinatura dos responsáveis, tendo em vista que, na maioria dos casos, eram jovens menores de 18 anos.

No dia da aplicação do questionário, 37 alunos se propuseram a responder as perguntas. Dentre eles, decorridas três semanas, 28 alunos retornaram com as autorizações dos responsáveis para a participação da pesquisa.

Munido com 28 questionários, fiz uma análise das respostas dos alunos e decidi utilizar critérios para selecionar dentro desse grupo, colaboradores para participar da pesquisa. Ficou decidido que os questionários que seriam utilizados na análise dos dados seriam o dos alunos que participassem das entrevistas, para compararmos as respostas, buscando similaridades, diferenças e complementações ao que foi exposto no questionário.

Depois de ler todos os questionários, 17 alunos (5 do 3ºA, 5 do 3ºB e 7 do 3ºB) foram selecionados para participar da entrevista, de acordo com os seguintes critérios:

- a) terem mostrado espontaneamente a vontade de participar da pesquisa
- b) devolvido ao pesquisador no dia marcado, o questionário respondido junto com a autorização dos responsáveis assinada.
- c) responder a todas as perguntas
- d) diferentes níveis de inglês apontados no questionário
- e) fornecer respostas importantes para tópicos como representação de países anglófonos e o Brasil e planos para usar o idioma no futuro

Entretanto, do dia da entrevista, 21/10/2014, dos 17 alunos previamente selecionados, 4 faltaram, participando 13 estudantes (4 do 3ºA, 4 do 3ºB e 5 do 3ºC) . A fim de manter a uniformidade, mesmo número de participantes nos dois instrumentos de coleta, decidi analisar os 13 questionários dos alunos que participaram da entrevista, assim como considerar o que eles forneceram nos dois eventos. Portanto, dos 37 que inicialmente demonstraram interesse em participar da pesquisa, 13 preencheram os critérios e suas respostas no questionário e, como participaram da entrevista, suas informações foram estudadas no Capítulo de Análise de Dados. Esse número de alunos que participaram efetivamente da pesquisa representam aproximadamente 10% do total de alunos que frequentavam as três séries.

Objetivando preservar a identidade desses participantes, foram atribuídos codinomes aos treze alunos que fazem parte do estudo: Os alunos da 3ªA foram denominados com **A1**, **A2**, **A3** e **A4**. Os da 3ªB como **B1**, **B2**, **B3** e **B4**. Por fim, os da 3ªC são **C1**, **C2**, **C3**, **C4** e **C5**.

A fim de facilitar a identificação e análise, descrevo o perfil dos treze participantes da pesquisa, conforme respostas das quatro primeiras perguntas do questionário (vide Anexo A). Também descrevo-os de acordo com o que observo em sala de aula, visto que acompanho esses alunos há dois anos.

A primeira aluna, a **A1** tem 17 anos, o Ensino Médio completo é a escolaridade mais alta entre seus familiares mais próximos e aparelhos de DVD, CDs de música em inglês e telefone celular são meio de diversão ou estudo do idioma. Ela costuma assistir a filmes com áudio em inglês e legendas em português. Quando escuta músicas em inglês, procura saber o sentido nessa língua e a pronúncia correta. É considerada uma aluna com excelente rendimento e bem interessada no idioma.

A aluna **A2** tem 17 anos, na sua casa a escolaridade mais alta é o Ensino Superior completo. Aparelho de TV e TV a cabo, rádio com CD player, revistas em inglês e músicas do mesmo idioma são itens de diversão ou estudo. Assiste a filmes com áudio em inglês e legendas em português, dublado com legendas em inglês ou sem legendas. Ao ouvir músicas em inglês, procura saber o sentido em português, a pronúncia correta e cantar próximo da entoação original. Considerada uma aluna com rendimento muito bom e comprometida com os estudos.

O aluno **A3** tem 17 anos, entre as pessoas que moram com ele, a escolaridade mais alta é o Ensino Médio completo e seus itens de lazer e estudo são: TV a cabo, rádio com CD player, livros e revistas em inglês e CDs com músicas no idioma. Assiste a filmes com áudio em inglês e legendas em português ou dublado em português e legendas em inglês. Ele ouve músicas em inglês procurando saber o sentido das palavras em português, a pronúncia correta das palavras e cantando com a entoação próxima da original. Considerado um aluno muito bom nos estudos e esforçado.

A aluna **A4** tem 17 anos, na sua família a escolaridade mais alta é o Ensino Médio completo e aparelho de TV, TV a cabo, livros e CDs de música em inglês e telefone celular costumam ser seus itens de lazer ou estudo do idioma. Assiste a filmes com áudio em inglês sem legendas, com legendas em inglês ou português ou ainda dublado para o português e sem legendas. Ao ouvir música, ela tenta saber o sentido da letra em português e inglês e cantar próximo da pronúncia original. É considerada como a melhor aluna de todo Ensino Médio por muitos professores da escola.

A aluna **B1** tem 17 anos e na sua família há quem tenha formação superior completa. TV a cabo, CDs de música em inglês e telefone celular são utilizados em seus momentos de lazer e estudo. Assiste a filmes com áudio em inglês e legendas em português ou dublado em português com legendas em inglês. Quando ouve uma música em inglês, procura saber o sentido em português e cantar com a entoação próxima da original. É considerada uma aluna com aproveitamento muito bom.

O aluno **B2** tem 17 anos, na sua casa, a escolaridade mais alta é o Ensino Médio completo e ele estuda inglês com CD de músicas, além de assistir a filmes com áudio em inglês e legendas em português. Ao ouvir músicas em inglês, procura saber o sentido da letra em português. É considerado um aluno de rendimento regular, porém esforçado.

A aluna **B3** tem 17 anos, Ensino Médio completo é a escolaridade mais alta na sua família e TV a cabo e CDs de música em inglês são seus itens de lazer ou estudo. Assiste a

filmes com áudio em inglês e legendas em português. Quando ouve músicas em inglês, procura saber o sentido em português. É considerada aluna com bom rendimento e dedicada.

A aluna **B4** tem 18 anos, entre seus familiares, a escolaridade mais alta é o Ensino Superior incompleto e ela se diverte ou estuda com a TV a cabo ou aparelho de TV, aparelho de DVD, CD de músicas em inglês e telefone celular. Assiste a filmes com áudio em inglês e legendas em português ou inglês. Quando ouve uma música em inglês, procura saber o sentido da letra nesse idioma ou português, saber a pronúncia correta das palavras ou cantar próximo da entoação original. É uma aluna com bom aproveitamento e participativa.

A aluna **C1** tem 17 anos, na sua família, o grau de escolaridade mais alto é o Ensino Superior completo e TV a cabo, aparelho de TV, livros e revistas em inglês e telefone celular são seus itens de lazer ou estudo. Assiste a filmes com áudios em inglês e legendas em português. Ao ouvir uma música em inglês, ela procura saber o sentido da letra em português e inglês, a pronúncia correta e cantar próximo da entoação original. É considerada uma estudante com desempenho muito bom.

A aluna **C2** tem 17 anos, na sua casa, a escolaridade mais avançada é o Ensino Médio completo e ela se diverte ou estuda com TV a cabo ou aparelho de TV, livros e CDs de músicas em inglês e telefone celular. Assiste a filmes com áudio em inglês e legendas no mesmo idioma. Ao ouvir uma música, procura saber a pronúncia correta e cantar na entonação próxima do original. Considerada aluna com bom rendimento.

O aluno **C3** tem 17 anos, na sua família, a escolaridade mais avançada é o Ensino Médio completo e ele utiliza livros e CDs em inglês e telefone celular para se divertir ou estudar. Assiste a filmes dublados para o português e sem legendas. Ao ouvir uma música em inglês, procura saber o sentido em português e cantar próximo da entoação original. Tem rendimento muito bom e é bastante participativo nas aulas.

O aluno **C4** tem 17 anos e na sua casa a pessoa com maior escolaridade possui o Ensino Médio completo. Seus itens de lazer são a TV a cabo, CDs de música em inglês e o telefone celular. Assiste a filmes com áudio em inglês e legendas em português ou dublado para o português e sem legendas. Quando ouve músicas em inglês, procura saber o sentido em português ou inglês, a pronúncia correta das palavras e cantar próximo da entoação original. Tem rendimento muito bom e bem participativo nas aulas.

O aluno **C5** tem 19 anos e o Ensino Médio completo é o grau de escolaridade mais alto na sua família. A TV a cabo é o seu meio de diversão e quando assiste a filmes, eles possuem o áudio em inglês e legendas em português. Ao ouvir uma música em inglês, procura

saber o sentido da canção em português. É um aluno com rendimento regular, porém bem participativo.

Conheço esse grupo de colaboradores há dois anos, com exceção da aluna B4 e do aluno C4, que chegaram à nossa unidade escolar no início do ano letivo de 2014. Considero-os bons alunos, no que concerne à participação e comportamento, mesmo aqueles que estão na 3ªB, que é tida como uma classe imatura. A fim de facilitar a visualização das características dos participantes, apresento um quadro que sintetiza o perfil dos alunos, baseando-se nas respostas das quatro primeiras perguntas do questionário e na observação em sala de aula.

Quadro 1 – Perfil dos colaboradores

Participante	Turma	Idade	Sexo	Escolaridade mais avançada	Itens de estudo do idioma ou lazer	Assiste a filmes com áudio ou legendas em inglês	Ouve músicas em língua inglesa	Nível de aproveitamento em sala de aula
A1	3ªA	17	Feminino	Ensino Médio completo	Sim	Sim	Sim	Excelente
A2	3ªA	17	Feminino	Ensino Superior completo	Sim	Sim	Sim	Muito bom
A3	3ªA	17	Masculino	Ensino Médio completo	Sim	Sim	Sim	Muito bom
A4	3ªA	17	Feminino	Ensino Médio completo	Sim	Sim	Sim	Excelente
B1	3ªB	17	Feminino	Ensino Superior completo	Sim	Sim	Sim	Muito bom
B2	3ªB	17	Masculino	Ensino Médio completo	Sim	Sim	Sim	Regular
B3	3ªB	17	Feminino	Ensino Médio completo	Sim	Sim	Sim	Bom
B4	3ªB	18	Feminino	Ensino Superior incompleto	Sim	Sim	Sim	Bom
C1	3ªC	17	Feminino	Ensino Superior completo	Sim	Sim	Sim	Muito bom
C2	3ªC	17	Feminino	Ensino Médio completo	Sim	Sim	Sim	Bom
C3	3ªC	17	Masculino	Ensino Médio completo	Sim	Não	Sim	Muito bom
C4	3ªC	17	Masculino	Ensino Médio completo	Sim	Sim	Sim	Muito bom
C5	3ªC	19	Masculino	Ensino Médio completo	Sim	Sim	Sim	Regular

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor

Após a apresentação dos colaboradores, com suas características, gostos e preferências, apresento na próxima subseção os instrumentos para coleta de dados utilizados para que os participantes fornecessem dados importantes para a pesquisa.

2.3 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: um Questionário, que se encontra no ANEXO A deste trabalho e uma Entrevista, cujo roteiro se encontra no ANEXO B. A seguir, são apresentados além de detalhes dos referidos instrumentos, a sua fundamentação teórica e as vantagens na aplicação do questionário e da entrevista em uma pesquisa acadêmica.

2.3.1 O questionário

O questionário aplicado neste trabalho foi construído com dez questões, sendo cinco de alternativas - com as questões de nº 1, 3, e 5 apresentando a possibilidade de escolha simples e as questões 2 e 4 oferecendo a chance de múltipla escolha. Já as perguntas do nº 6 ao 10 - permitindo respostas abertas.

As cinco primeiras perguntas questionavam o nível de escolaridade dos membros da família, o conhecimento de língua inglesa do participante, e os materiais utilizados por ele para estudar inglês para seu próprio entretenimento como assistir filmes ou ouvir músicas na língua estrangeira em questão. Essa parte do instrumento segue o mesmo modelo de Souza (2009), que analisou o perfil de seus participantes com essas questões. Pude, através dessas perguntas, trazer um perfil bem interessante de cada colaborador por meio do grau de instrução em sua família, modos de assistir a filmes em inglês ou ouvir música nesse idioma.

Segundo Nunan (1996), o questionário é popular entre os pesquisadores, pois habilita a pessoa que está aplicando a coletar mais dados e de maneira mais simples e objetiva, tornando-se mais fácil a organização dos resultados obtidos.

Nunan (1996) afirma ainda que as perguntas podem trazer itens fechados, abertos, ou ainda uma combinação dessas duas possibilidades. No questionário utilizado na pesquisa, optei pela utilização das duas modalidades.

As cinco perguntas abertas que exigiam respostas dissertativas tinham os seguintes temas: a possível influência do inglês na sociedade; onde o aluno vai procurar conhecimento sobre a língua; se ele estuda inglês em escola de idiomas; qual a representação que ele tem

sobre alguns países anglófonos; qual é contribuição do inglês para o estudante e se ele pretende utilizá-lo no futuro.

A escolha de se utilizar as duas modalidades de perguntas buscou dar dinamismo e liberdade para responder ao questionário, já que o estudante poderia discorrer livremente sobre o tema, no caso das perguntas dissertativas, e as questões com alternativas forneceram informações precisas sobre determinado tópico, além de traçar um perfil importante de cada colaborador.

O questionário proporciona vantagens na aplicação, conforme apontam Marconi, Lakatos e Gil (apud EFDeportes 2012), pois atinge grande número de participantes simultaneamente, garante anonimato, respostas rápidas e uniformidade na avaliação.

A escolha do questionário se deve, além das vantagens supracitadas, ser um primeiro instrumento para a coleta de dados, pois, em curto espaço de tempo, ele possibilitou obter resultados que foram importantes na análise e tabulação das respostas.

O questionário desta pesquisa foi aplicado nas três salas de terceira série de E.M da Unidade Escolar em que leciono. Foi em uma quarta-feira, dia 27/08/2014, durante minhas aulas, que a atividade foi realizada. Primeiramente, expliquei o propósito do questionário, que fazia parte da minha monografia para o curso de Especialização da PUC.

Expliquei que haveria um questionário e que depois haveria uma entrevista que abordaria temas como ensino-aprendizagem de inglês, formação de identidades e representações sociais. Disse que não era obrigatório participar e que nem era uma atividade avaliativa.

Comentei que adotaria codinomes a fim de preservar suas identidades e suas imagens não seriam vinculadas à pesquisa. As respostas dos questionários e das entrevistas não entrariam em nenhum juízo de valor e quem não participasse da pesquisa não sofreria qualquer tipo de punição.

A participação da pesquisa estava aberta a todos, independentemente do nível de aprendizagem ou problemas disciplinares. A exigência era de seriedade e interesse nas atividades e, claro, autorização expressa dos pais ou responsáveis, por serem, em sua maioria, menores de idade.

Após a apresentação e a explicação dos instrumentos, 37 alunos das três turmas se voluntariaram a participar da pesquisa. Distribui os respectivos questionários e disse que eles poderiam entregar junto com as respostas ao final da aula. Aos que não estavam participando da pesquisa, foram dadas atividades referentes ao conteúdo trabalhado em sala, ou seja, aula normal.

Durante a atividade, com aqueles que tiveram dúvidas ao responder as perguntas do questionário, eu ia até a mesa explicando o que era exigido na pergunta. Quando percebi que alguns estudantes estavam com as mesmas dúvidas, parei com a aula normal e fiz uma explicação geral aos que estavam preenchendo o questionário, pois poderia ganhar tempo e não perder o conteúdo que estava sendo abordado na aula para os demais alunos.

As perguntas do questionário que geraram mais dúvidas foram as de número 3 e 4, que abordaram o modo como eles assistem a filmes com idioma original em inglês e como eles ouvem música em língua inglesa. A dúvida era se era para assinalar apenas uma alternativa ou se poderia colocar mais de uma. Expliquei que poderia colocar mais de uma, já que, por exemplo, eles podem assistir a filmes na televisão de um jeito, no aparelho de DVD de outro ou no cinema de maneira diferente.

Todos os alunos que participaram da etapa do questionário levaram a atividade a sério, responderam as perguntas e não fizeram piadas, brincadeiras ou tampouco atrapalharam o andamento da aula. Entregaram os questionários respondidos no final da aula.

Após a entrega das respostas, alertei-os que só seriam utilizados os questionários para depois participarem das entrevistas daqueles que trouxessem, nas próximas aulas, as autorizações dos responsáveis.

Decorridas três semanas, dos 37 que inicialmente participaram, apenas 28 entregaram as autorizações assinadas pelos pais. 28 alunos estavam aptos para seguirem na pesquisa. Houve uma análise desses questionários para se chegar a um número de colaboradores que participariam das entrevistas. Após a adoção de critérios para seleção, cheguei a um número exato de questionários que seriam trabalhados na pesquisa, bem como os alunos selecionados para a entrevista. Para manter a uniformidade dos instrumentos, os questionários dos treze colaboradores que participaram da entrevista foram considerados. Portanto, no capítulo 3, que é dedicado à análise de dados, trabalhei com 13 questionários e treze entrevistas, de acordo com os critérios que foram explicitados na subseção 2.2.2, que apresenta os participantes do trabalho.

Na próxima subseção, o instrumento de pesquisa entrevista é abordado, bem como as suas considerações teóricas e as vantagens de se utilizá-la como meio de obter dados para um trabalho acadêmico.

2.3.2 A entrevista

Após a aplicação do questionário e da seleção das respostas dos que participariam da segunda etapa, a entrevista foi utilizada a fim de obter dados complementares sobre a relação dos alunos com o idioma e suas concepções sobre a língua.

Nunan (1996) aponta que a entrevista pode ser caracterizada pelo seu grau de formalidade e classificada em: **não estruturada** – as respostas do entrevistado guiam a atividade; **semiestruturada** – o entrevistador tem a noção do possível conteúdo das respostas do entrevistado, porém não trabalha com uma lista pré-determinada de perguntas; **estruturada** – o pesquisador trabalha com uma lista pré-determinada de perguntas.

A entrevista que foi adotada na presente pesquisa tem a característica da estruturada, de acordo com a teorização supracitada de Nunan (1996), pois trabalhei com uma lista pré-determinada de perguntas.

Para Minayo (2009) o objetivo da entrevista é obter informações importantes para uma dada pesquisa. A interação social é uma característica importante nessa atividade. Os tipos de entrevista são, de acordo com a autora, semiestruturada, focalizada, preventiva aberta ou em profundidade e a sondagem de opinião.

A **semiestruturada** é, de acordo com ela, uma combinação entre as perguntas abertas e fechadas em que o participante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema abordado. A definição converge à de Nunan (1996) no que se refere à liberdade que o participante tem ao responder as perguntas.

Os outros tipos de entrevistas são assim caracterizados por Minayo (2009, p.64): **focalizada** – visa esclarecer um determinado problema; **preventiva** – utilização de recursos visuais como pinturas, vídeos ou textos a fim de obter a opinião do entrevistado; **aberta ou em profundidade** – o entrevistado discorre livremente sobre um tema; **sondagem de opinião** – perguntas fechadas que condicionam as respostas do participante.

Adotando-se a concepção de Minayo (2009) sobre tipologia de entrevista, pode-se afirmar que a entrevista usada como instrumento neste trabalho é semiestruturada, já que possibilitou liberdade de discorrer sobre certo assunto por parte dos participantes, apesar de trabalhar com uma lista pré-determinada de perguntas, característica da entrevista estruturada, conforme a concepção de Nunan (1996).

A entrevista foi realizada nas dependências da escola, próximas das salas em que os colaboradores estudam. Foi no dia 21/10/2014, uma terça-feira, dia em que eu tinha duas aulas vagas, já que trabalhava apenas nas 4 primeiras. Entretanto, devido às atividades de

Halloween, com 5 peças de teatro, pesquisas e artesanato referentes ao tema, estava atarefado com as responsabilidades, pois sou professor de inglês da instituição e um dos encarregados do evento.

Por volta das 11h desse dia, bati à porta da 3ªA, pedindo autorização para a professora que estava ministrando aula, e chamei os alunos que foram selecionados para a entrevista. Nessa sala, estavam presentes 4 alunos e apenas uma faltou entre os que inicialmente estavam aptos a participar, de acordo com os critérios.

Expliquei para eles que participariam da entrevista e que não foram chamados por terem respondido melhor os questionários, mas por preencherem os critérios adotados na pesquisa. Salientei que foi adotada a amostragem, em virtude da inviabilidade de se entrevistar todos, devido principalmente ao tempo disponível.

Disse que os chamei em grupos por causa do problema de tempo, para não atrapalhar as aulas de outros professores, pois alguns estavam aplicando avaliações, e por proporcionar um clima mais descontraído em que um poderia ajudar ao outro nas respostas.

Comentei que suas respostas seriam gravadas, utilizando o meu celular para esta finalidade. Alertei que gravaria apenas a voz, sem utilizar a imagem deles.

Mostrei as três perguntas das entrevistas, que tinham os seguintes temas: como eles consideram o nível de inglês deles e como buscam conhecimento no idioma; a representação que eles fazem de países de língua inglesa e seus planos para utilizar o inglês no futuro.

Disse que cada um poderia responder a uma pergunta de sua escolha ou mais de um poderia discorrer sobre a mesma questão, pois poderia haver complementação das suas concepções sobre determinado assunto.

Percebi que eles ficaram um pouco tímidos, talvez por causa do gravador, mas com o desenvolvimento da atividade, eles ficaram mais desinibidos e participaram bastante da entrevista. Ao final de cada pergunta respondida, mostrei como ficava a voz deles gravada. Eles acharam diferentes, mas gostaram muito da atividade.

Em algumas perguntas, apenas um respondeu e em outras de dois a três alunos participaram, sempre ajudando e complementando o que o anterior havia dito. Ao final das três perguntas, agradei a participação, explicando que qualquer dúvida poderiam me contatar e, se desejassem uma cópia do trabalho, poderia enviá-la para seus endereços eletrônicos.

Repeti o mesmo procedimento com a 3ªB. Dos 5 que foram selecionados vieram 4, e com a 3ªC, dos 7 que havia relacionado, apenas 5 participaram. A atividade com o primeiro grupo começou às 11h06 e finalizou com o último às 11h52. Cada rodada de entrevista durou aproximadamente 15 minutos, sem descontar imprevistos, como barulhos internos, como sinal

de troca de aula, regravações e alguns problemas técnicos. Para cada pergunta, eles gastaram em média 2 minutos para discorrer, o que proporcionou 6 minutos efetivamente usados para cada grupo.

Após a finalização da aplicação desse instrumento, decidi que as respostas que os 13 estudantes forneceram nos questionários mais a sua participação na entrevista seriam o material para a análise de dados, conforme especificado na subseção 2.2.2, que apresentou os participantes da pesquisa.

Marconi; Lakatos e Gil apud EFDportes (2012) apontam as seguintes características no procedimento da entrevista: interação social e diálogo assimétrico - o entrevistador busca coletar dados do entrevistado e este torna-se a fonte de informação. Já as vantagens são: flexibilidade, adaptação às circunstâncias, uso da expressão corporal e da tonalidade de voz.

O objetivo de se usar a entrevista como um instrumento de coleta de dados foi o de esclarecer os dados obtidos no questionário, principalmente o que concerne ao nível que eles apontaram para conhecimento de inglês, que foi diverso, a representação que eles fazem do Brasil e de países anglófonos, mais semelhanças do que diferenças de respostas nos dois instrumentos, e o objetivo que eles tinham para usar o inglês no futuro, principalmente para trabalho e viagens.

O uso da linguagem corporal e das nuances vocais ofereceram informações valiosas para a pesquisa, como, por exemplo, a aluna B1, que concordou, balançando a cabeça, com as respostas de B2 e B4 sobre a imagem positiva de países de língua inglesa. Além disso, alguns participantes acrescentaram mais dados na entrevista, como a representação do poder de países como EUA e Inglaterra ou nível de inglês, por se sentirem mais à vontade, tendo maior desenvoltura na comunicação oral., conforme observado no desempenho dos estudantes C3 e C4.

Na próxima seção, há a descrição e a explicação de como foram os procedimentos para a organização e a análise de dados coletados nos questionários e das entrevistas, baseando-se nos temas que norteiam a pesquisa como visões de ensino-aprendizagem de inglês, formação de identidades e representações sociais.

2.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Os procedimentos para análise de dados foram os seguintes: após o recebimento do questionário, as respostas dadas foram tabuladas para serem de fácil visualização e auxiliarem

no desenvolvimento da pesquisa e seleção para a entrevista. Busquei comparar as respostas nos dois instrumentos e traçar semelhanças e diferenças

Desenvolvi uma planilha para organizar as respostas dos alunos e as dividi por grupos, a fim de facilitar a análise. Os tópicos dos grupos para essa divisão são: representações sociais, formação de identidades, identificação com o inglês e finalidade do uso da língua inglesa.

A primeira pergunta do questionário, que solicitava a escolaridade mais alta dos membros familiares não entrou em nenhuma tipologia, mas serviu para traçar o perfil da família do colaborador e lançar hipóteses, por exemplo, se a postura deles em sala de aula refletia o que encontrávamos nas respostas sobre o grau de instrução. A escolaridade predominante foi a do Ensino Médio Completo, dois casos com Ensino Superior Completo e outro incompleto.

O grau de escolaridade dessas famílias supera a média nacional, que segundo a última pesquisa do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), realizada em 2012, a média de estudo da população brasileira é de 8,8 anos (BRASIL 2013). Pode-se sugerir que o maior grau de escolaridade dessa parcela da população contribuiria para maior dedicação e valorização dos estudos, pois como seus familiares tiveram mais tempo de frequência na escola, o incentivo se daria de forma mais natural.

As perguntas de números 2,3,4, juntamente com a 1, serviram para traçar o perfil dos participantes, pois foi analisada a escolaridade na casa da família e temas como itens de lazer e estudo, modo de assistir a filmes em inglês e músicas no idioma nas questões subsequentes, conforme apresentado no Quadro 1, da subseção que trata dos participantes.

Entretanto, além de figurarem no perfil dos estudantes, as perguntas de número 2,3 e 4 estão presentes nos grupos que dividi no Quadro 2, que é exposto a seguir, e na descrição que é feita nesta seção. Como pode ser observado no referido quadro, após os dados serem coletados, tabulados e organizados em tabelas, eles foram organizados em grupos, visando facilitar a análise, de acordo com as teorias vistas na Fundamentação Teórica:

1º Grupo - Representações Sociais

2º Grupo - Formação de identidades

3º Grupo - Identificação com o inglês

4º Grupo - Finalidade do uso da língua inglesa

Quadro 2 – Tópicos e instrumentos de coleta

Instrumentos de Coleta		Tópicos				
	Questões	Perfil	1º Grupo: Representações Sociais	2º Grupo: Formação de Identidades	3º Grupo: Identificação com o Inglês	4º Grupo: Finalidade de uso da Língua Inglesa
Questionário	Pergunta 1	X				
	Pergunta 2	X			X	
	Pergunta 3	X			X	
	Pergunta 4	X			X	
	Pergunta 5				X	
	Pergunta 6			X	X	X
	Pergunta 7					X
	Pergunta 8					X
	Pergunta 9			X		
	Pergunta 10			X	X	X
Entrevista	Pergunta 1		X	X	X	X
	Pergunta 2		X			
	Pergunta 3		X	X		X

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor

1º GRUPO- REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Nesse grupo, coloquei as respostas referentes às perguntas 6, 9 e 10 do questionário e as três perguntas da entrevista. As respostas dos alunos direcionaram para esse grupo, pois as perguntas abordaram temas como a representação de um emprego em que o idioma seja importante e, principalmente, a imagem que eles fazem dos países de língua inglesa em comparação com o Brasil. Esses últimos exemplos foram muito usados tanto nos questionários quanto nas entrevistas. No Capítulo 3, que é dedicado à análise de dados, há uma seção para o tópico e, apoiado na teoria das representações sociais de Jodelet (1989) e Moscovici (2003), faço um estudo das respostas e também apresento quadros para ilustrar o resultado dos instrumentos de avaliação.

2º GRUPO - FORMAÇÃO DE IDENTIDADES

Esse é um dos temas que norteiam a pesquisa e as perguntas 6 e 10 do questionário e as de números 1 e 3 da entrevista. Os alunos apresentaram informações que apontam para esse tópico, por exemplo, como o aluno se vê na relação com o idioma e o seu papel na sociedade, a profissão que exercerá no futuro, indicando a relevância da língua na questão profissional ou no contato com pessoas de outros lugares do mundo por meio de viagens internacionais. No próximo capítulo, com auxílio de quadros e do embasamento teórico proporcionado por Ciampa (2005) e Rajagopalan (2006), analiso com mais detalhes, além de comparar, aproximar e contrastar o que foi obtido por meio dos instrumentos de coleta de dados.

3º GRUPO - IDENTIFICAÇÃO COM O INGLÊS

A maioria das perguntas possui essa temática, como as de número 2,3,4,5,8,9 do questionário e a de número 1 da entrevista. Com base nesse contato com a língua, pelo modo que eles assistem a filmes, ouvem músicas ou buscam conhecimento no idioma, foi possível elaborar um perfil dos colaboradores e ter uma noção da relação que eles têm com o idioma. Nesse grupo, identificação com o inglês, trabalhei com o tema visões de ensino-aprendizagem, pois pelo contato estabelecido entre estudantes e idioma e sua identificação com a língua, foi estabelecido o como eles aprendem inglês. Os PCN (1996), a Proposta Curricular (2008), além do teórico Kern (2000), com abordagens como o Estruturalismo, a Comunicativa ou a de Letramento servem de base para a análise dos dados e elaboração de quadros que são apresentados no capítulo de Análise e Discussão de Dados.

4º GRUPO - FINALIDADE DO USO DA LÍNGUA INGLESA

A finalidade de uso da língua é mostrada nas respostas que os alunos fornecem às perguntas de número 6 e 10 do questionário e 1 e 3 da entrevista. Nessas questões, os estudantes demonstraram os seus objetivos profissionais e pessoais para o futuro e como o inglês seria importante na concretização dessas metas. As teorias de formação de identidades e representações sociais auxiliam na análise e na apresentação de quadros desenvolvidas no Capítulo 3

Finalizando este Capítulo da Metodologia de Pesquisa que apresentou a abordagem metodológica escolhida, bem como o contexto de pesquisa, participantes, instrumentos e

procedimentos para a coleta e análise dos dados, cumpre-se destacar que este trabalho seguiu as normas da Plataforma Brasil, no que concerne a pesquisas com seres humanos, sendo aprovado e emitido o protocolo CAAE número 30659114.4.0000.5482, cuja fotocópia encontra-se no ANEXO C

A seguir, no próximo capítulo consta a Apresentação e Discussão dos Resultados desta pesquisa.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Este capítulo subdividido em 5 seções objetiva apresentar, discutir e analisar os dados coletados nos instrumentos utilizados - questionário e entrevista - a partir do referencial teórico já apresentado no Capítulo 1 deste trabalho, procurando responder às perguntas de pesquisa abaixo que também já foram mencionadas na Introdução:

- *Qual é a contribuição do ensino de inglês para a construção de identidades do aluno da terceira série do Ensino Médio de uma escola pública?*
- *Qual é a influência desse idioma no modo de pensar e de ver o mundo dos alunos pesquisados e como eles o representam?*
- *Qual é o interesse dos alunos em relação à língua inglesa?*
- *Qual o papel do inglês na sociedade?*
- *Como os estudantes poderiam utilizar esse idioma em suas vidas?*

Neste capítulo, são apresentados resultados dos questionários e das entrevistas e a apresentação dos quadros, com o propósito de facilitar a localização das informações e ilustrar a análise dos dados. As respostas fornecidas para os questionários e as entrevistas são analisadas sob o enfoque da visão de ensino-aprendizagem de inglês, da formação de identidade e da construção da representação social.

Sob à luz da teoria desses conceitos, as informações fornecidas para os questionários e entrevistas são analisadas, comparadas e contrastadas, já que foram encontradas similaridades, diferenças e complementações nos resultados dos dois instrumentos de coleta

Na próxima seção, que apresenta o tópico de ensino-aprendizagem de inglês, as respostas dos alunos são analisadas com base no que foi proposto pelos documentos oficiais da Educação Brasileira como PCN (1996) e Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008), além do especialista Kern (2000), principalmente sobre as abordagens estruturalista e de letramento

3.1 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS

Nessa seção, as respostas dos questionários são analisadas por meio das teorias de ensino-aprendizagem contidas nos documentos nacionais e paulistas que são parâmetros para a Educação, como os PCN (1998) e Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008). Kern (2000) também serve como fonte de consulta, no seu estudo que aponta as diferenças entre as abordagens estruturalista e letramento. A fim de facilitar a exposição dos dados e a análise, as questões pertencentes a esse tópico foram agrupadas da seguinte forma: Identificação com o inglês, que compreende as perguntas 2,3,4,5,7,8 e a de número 1 da entrevista e Finalidade do uso da língua inglesa, que são as perguntas 6 e 10 do questionário e 1 e 3 da entrevista.

Na análise, percebi similaridades e contrastes entre as respostas, analisando o que de mais importante determinado colaborador apresentou para relacionar com a teoria desse tópico. Essas perguntas também apresentam dados importantes para os outros temas do trabalho, como formação de identidades e representação social e, foram utilizadas nas seções subsequentes dedicadas ao tema. Isso aconteceu pela inter-relação dos temas e de determinada resposta de um ou outro colaborador que indicou qual abordagem teórica utilizar a fim de interpretar os dados.

A seguir, apresento as respostas pertinentes ao assunto de identificação com o inglês e como a abordagem teórica sobre visões de ensino-aprendizagem me auxiliou na interpretação dos dados que apareceram por meio dos questionários e entrevistas.

3.1.1 Identificação com o uso do inglês

Nessa subseção, analiso as respostas fornecidas pelos participantes nas perguntas 5,7 e 8 do questionário e a pergunta de número 1 da entrevista. A apresentação de quadros tem o propósito de sintetizar a análise e facilitar a identificação de importantes características das respostas dos alunos. Os quadros são colocados ou no início ou no fim de cada análise.

As perguntas de número 2,3 e 4 do questionário não são analisadas nessa parte, embora sejam importantes indicativos de contato com o inglês, porque foram apresentadas na seção dedicada aos participantes, quando é descrito o perfil de cada colaborador.

Início essa análise com a questão de número 5 do questionário, que pede a indicação do nível de inglês que o aluno acredita possuir. A seguir, o quadro apresenta as respostas dos treze colaboradores.

Quadro 3 – Nível de conhecimento de inglês

Colaboradores	Quase nulo	Péssimo	Regular	Bom	Ótimo
A1				X	
A2		X			
A3			X		
A4				X	
B1			X		
B2			X		
B3			X		
B4				X	
C1				X	
C2		X			
C3	X				
C4			X		
C5			X		

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor

Essa pergunta do questionário foi um dos primeiros indícios da necessidade de utilização de uma entrevista, pela riqueza de detalhes que ela oferece. Primeiro, é de se esperar dentro de uma turma, ainda mais se tratando de escola pública, heterogeneidade dos alunos e diferentes níveis e interesses em relação ao inglês. Entretanto, depois da seleção dos participantes, não era de se esperar tamanha diferença entre eles.

Apesar de predominar o nível regular e bom na opinião dos alunos, percebe-se o grau de criticidade desse grupo, pois ninguém se considerou ótimo no idioma e outros consideraram péssimos ou nulos no que concerne ao que entendem da língua. Apenas as alunas B4, C1 e o aluno C5 tiveram uma autoavaliação condizente com o que observei nas aulas, trabalhos e atividades avaliativas. Ambas se consideraram boas na matéria e C5 regular, sendo que o aproveitamento em sala reforça essa visão.

Outros colaboradores forneceram respostas diferentes no questionário e na entrevista, como é o caso de B2, que respondeu como regular seu nível de inglês no questionário e bom na entrevista. Essas respostas também são importantes nas seções representações sociais e formação de identidades, que discuto posteriormente. Nessa seção, somente a visão de ensino-aprendizagem é abordada.

A primeira pergunta da entrevista tem relação com essa questão 5 e também possui desdobramentos na questão do estudo e contato com inglês até a formação de identidades e representação social.

Na entrevista, ao ser questionado sobre o seu nível de inglês, B2 oferece a seguinte resposta: “...Vai por partes... na parte da fluência, classificação alta do inglês...”. Essa resposta contrasta com o que foi respondido no questionário, quando apontou como regular seu conhecimento. Na continuação da sua fala, ele afirma que aprimora o seu conhecimento assistindo a filmes legendados e ouvir músicas. Pode-se lançar a hipótese de que ele considera alto o seu conhecimento em vocabulário e leitura e regular no sentido de usar e se comunicar na língua.

Outra resposta da entrevista que chama a atenção é a de C3, que apesar de ser um aluno de aproveitamento muito bom, considera o seu conhecimento quase nulo e dá a seguinte justificativa: “Mediante aos meus padrões, ele é **baixo...tenho dificuldade para entender o que essas pessoas falam**”.⁸ É curiosa essa visão, já que, três semanas antes da entrevista, o aluno fez uma apresentação oral muito boa em inglês e se destaca na maioria das atividades em sala.

Nas duas visões de B2 e C3, observa-se a predileção para a modalidade oral do idioma, em detrimento às outras realizações. Percebe-se a influência da abordagem comunicativa nessas falas e em outras, já que para eles entender o que as pessoas falam em inglês é mais importante do que ler e escrever, diferentemente do que preconiza os PCN (1998) e a Proposta Curricular (2008), por exemplo, que defendem as competências leitora e escritora e recomendam a abordagem de Letramento, que procura dar condições para o aprendiz ser um usuário competente da língua, que reflita criticamente sobre as diversas realizações do idioma, contrastando com a abordagem comunicativa, que prioriza a realização oral do inglês por meio de diálogos, tendo como palavra-chave o FAZER, simbolizada pela oralidade da língua.

Outros alunos corroboram com essa visão comunicativa, como, por exemplo, A2, que diz buscar conhecimento em música e filmes, assim como C3, que busca conhecimento na música: “..normalmente em música viu, se eu falar de outro jeito vai ser mentira...” .

Já C5 tem uma visão diferente dos demais, conforme apresentado na entrevista: “Eu encaro como mediano meus conhecimentos de inglês porque eu acho que **não tenho um domínio aprofundado da gramática**...” .

Para C5, ter bom nível de inglês significa dominar a gramática, visão predominante do Estruturalismo, que aborda as características internas da língua, conforme apresenta no

⁸ A utilização do negrito visa salientar as partes mais importantes das respostas dos alunos, de acordo com o pesquisador

documento paulista Proposta Curricular (2008), que salienta que essa ênfase se dá no domínio da gramática, para ter condições de ler textos literários na língua alvo.

Talvez essa visão seja um resquício das aulas que ele teve nos primeiros contatos com o inglês, já que essa abordagem era bem presente nas escolas até pouco tempo, que objetivava a internalização da língua por meio de exercícios mecânicos, caracterizando também o Behaviorismo, abordagem apresentada pelos PCNs (1998), que buscava a aquisição do idioma com bastante repetição e não considerava o erro como parte do processo.

O aluno A3 considera na entrevista o seu nível regular, quase indo para o bom, justificando o seu desempenho por conhecer vocabulário por meio de música e filme. O colaborador prossegue dizendo qual seria a sua melhor habilidade “eu sei mais a parte escrita que a fala”. Essa fala pode ter relação com o fato do aluno provavelmente ter tido mais contato com a abordagem de cunho estruturalista, corroborando com o que foi apresentado pelo aluno C5.

No comentário de A3, ele afirma ter maior conhecimento da parte escrita do que da parte oral, possivelmente por ter estudado mais na escola regular do que em um instituto de línguas, predominando as competências leitora e escritora que os documentos oficiais que regem a Educação Brasileira tanto enfatizam.

A fim de facilitar a visualização das respostas, principalmente as relativas à pergunta 7 do questionário, apresento no Quadro 4, como os alunos vão buscar conhecimento na língua.

Quadro 4 – Busca do conhecimento de inglês

Colaboradores	Filmes/ Séries/ TV	Jogos	Músicas	Livros/ Dicionários	Escola/ Curso	Internet/ Celular
A1	X				X	
A2	X		X		X	X
A3	X		X		X	
A4	X			X	X	X
B1				X	X	X
B2			X	X		X
B3						X
B4	X				X	X
C1		X	X			
C2	X		X	X		X
C3			X			
C4			X	X		X
C5	X					X

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor

Era de se esperar que internet, música e filmes dominassem as ferramentas de ensino-aprendizagem do idioma no universo dos alunos. As respostas dos alunos confirmaram essa hipótese, tanto no questionário quanto na entrevista. Todavia, duas respostas se destacaram, pela incidência nos dois instrumentos de coleta e por serem diferentes do restante do grupo.

A primeira resposta é da aluna C1, que nos dois instrumentos forneceu dados importantes para o trabalho. No questionário, a colaboradora respondeu da seguinte maneira: **“As vezes aprendemos muito mais o inglês em jogos e músicas do que na própria escola”**.

Essa resposta me chamou a atenção por dois motivos: ela foi a única pessoa que mencionou os jogos como meio de aprendizagem, nos dois instrumentos, e comparou as suas atividades de lazer com o que vê na escola. Confesso que a primeira impressão era de que a comparação era um pouco injusta, já que na escola o propósito é o de ter contato com a língua por meio de textos e atividades que nem sempre são lúdicas, contrastando com o que os jogos e a música proporcionam, sensações como prazer auditivo e tecnologia de imagens que, infelizmente, nem toda escola possui.

Entretanto, ao reler essa resposta, percebi que não se deve ficar preso aos objetivos principais do currículo oficial que preconizam a formação do cidadão crítico e atuante e predominância das competências leitora e escritora. A visão de ensino que essa aluna apresenta está de acordo com o que o Letramento propõe, seja na visão da Proposta Curricular (2008), que encoraja o aprendiz a refletir sobre os diferentes usos da língua e Kern (2000), que defende dentro dessa abordagem o Refletir, que procura atentar-se à cultura da língua-alvo e da relação entre as culturas de L1 (língua materna) e L2 (língua-alvo), uma vez que os jogos eletrônicos são comuns em cotidianos diferentes, como o dos Estados Unidos e do Brasil, principalmente nessa faixa etária da população.

C2 afirma que aprende muito mais jogando online ou ouvindo música do que em sala de aula. Pode-se supor que o conteúdo que ela vê em sala de aula já aprendeu ou tem uma boa noção, pois se expôs ao idioma pelo vocabulário adquirido nos jogos e nas músicas. A aluna refletiu e fez a comparação entre os dois ambientes, o virtual e o real. Essa resposta serve de aviso e um desafio para os docentes em tentar adaptar as suas aulas à realidade dos alunos, conforme o que é defendido na Proposta Curricular (2008) e Kern (2000) na relação entre as culturas.

Antes desse questionário, a referida aluno já havia pedido para que a aula fosse ministrada toda em inglês, mas expliquei que não era viável, devido a heterogeneidade do grupo. Disse que entendia a sua preocupação e que em alguns momentos e atividades

utilizaria o idioma, mas com o auxílio da língua materna para poder atender ao restante da sala.

A aluna C2 na entrevista disse que para aprender inglês não precisa necessariamente estar matriculado em um curso particular, tendo outras formas de aprender: “...existe muitas forma...música, texto, filme...” Nesse comentário, a colaboradora não privilegiou apenas uma realização da língua e nem um único método, deixando claro que se pode aprender sozinho o idioma, desconsiderando a relação professor-aluno, aluno-aluno e considerando aluno-máquina.

Na resposta da aluna, assim como outras, percebe-se a predominância das novas tecnologias, aplicativos para celular e jogos interativos como fontes do conhecimento, contrastando, por exemplo, com a visão estrutural, que tinha o professor como detentor do conhecimento, conforme já apresentado por Kern (2000).

Alguns participantes mencionaram o curso de inglês como fonte de conhecimento e para identificar quantos alunos estudam em escola de idiomas, apresento o Quadro 5, que tem relação com a pergunta 8 do questionário: o fato de estudar inglês fora da escola regular.

Quadro 5 - Estudar em escola de idiomas

Colaboradores	Sim	Não
A1	X	
A2		X
A3	X	
A4	X	
B1	X	
B2		X
B3		X
B4	X	
C1		X
C2		X
C3		X
C4		X
C5		X

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor

Dos 8 alunos que responderam que não estão estudando inglês no momento, dois afirmaram que já estudaram A2 e C3, sendo que o último se justifica pela falta de

disponibilidade. Uma resposta interessante fornecida pelo grupo foi a da aluna B3, que afirma estudar inglês em um site especializado no ensino de idiomas.

O questionário e a entrevista apenas confirmaram a relação próxima que essa geração tem com as tecnologias que proporcionam oportunidades de estudo. O site que B3 citou no questionário e na entrevista disponibiliza exercícios que focam na estrutura gramatical e na repetição de sentenças escritas, orais e de compreensão auditiva, configurando uma abordagem de cunho estruturalista do idioma, conforme a teoria que embasa este estudo.

Na próxima subseção, há uma análise das questões do questionário e da entrevista que apontam para a finalidade do uso com a língua inglesa e os objetivos profissionais e pessoais de usá-la no presente e no futuro.

3.1.2 Finalidade do uso com a língua inglesa

Nessa subseção, analiso o teor das respostas que os colaboradores fornecem para as questões 6 e 10 do questionário e 1 e 3 da entrevista. Algumas questões foram já interpretadas na subseção anterior, mas sob o prisma da identificação dos alunos com o inglês. Ademais, elas são também importantes nas próximas seções, quando abordo os tópicos de formação de identidade e representações sociais. São desdobramentos que acontecem nos resultados, por serem questões discursivas, reforçando a relação entre os temas. Nessa parte, também utilizo as teorias sobre ensino-aprendizagem.

As principais finalidades de uso da língua inglesa que os colaboradores apontam são a comunicação e o aspecto profissional. O aluno A3 sintetiza o que alguns colegas salientam em suas respostas: “É a oportunidade de poder se **comunicar** com o mundo todo, ter melhores **oportunidades de emprego**”.

As alunas B3 e B4, apesar de não terem participado do mesmo grupo de entrevista de A3, corroboram com o que o estudante anteriormente havia sinalizado. B3 afirma que o idioma é importante mesmo em países em que a língua inglesa não é a materna: “mesmo **em países que a língua nativa não é o inglês**, muitos empregos solicitam **a língua por isso é de suma importância o Inglês**”. Já B4 coloca uma situação em que o uso da língua acontece no Brasil: “Para poder ajudar as pessoas quando vierem ao Brasil”.

Esses três comentários ilustram a ideia geral de que, tendo o domínio do idioma, haverá melhores oportunidades de emprego e chances de interação com pessoas de outros lugares do mundo. Alguns livros didáticos e cursos de inglês apresentam essas situações e essas concepções predominam no imaginário popular.

A abordagem comunicativa e de letramento predominam nessas visões, já que, de acordo com os comentários, a importância do inglês está na possibilidade de comunicação, preferencialmente na forma oral, e usar o idioma nas diferentes situações como na interação com um estrangeiro em visita ao Brasil, trabalhando em uma empresa multinacional ou realizando um curso de intercâmbio no exterior, apresentando situações reais em que o idioma é exigido.

Na pergunta 10 do questionário, as respostas fornecidas foram semelhantes às que foram apresentadas na questão 6, sendo que trabalho, viagens e estudo dominaram os assuntos abordados nas respostas. A fim de facilitar a identificação do que cada colaborador apresentou nessa pergunta, o Quadro 6 a seguir se mostra necessário.

Quadro 6 – Finalidade para o uso do inglês

Colaboradores	Trabalho	Viagem /morar no exterior	Comunicação	Estudo	Compra	Entretenimento	Conhecimento
A1	X	X					
A2							X
A3							X
A4		X					X
B1	X	X		X			
B2			X				
B3	X	X		X			
B4		X	X	X			
C1	X	X					
C2	X				X		
C3						X	
C4				X			
C5				X			

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor

A aluna C2 forneceu uma resposta importante sobre a finalidade do inglês no presente e o que ela pretende fazer no futuro. Ela descreve uma situação em que estava comprando um livro pela Internet, denominado “Black dagger Brotherhood”: “A sinopse não estava traduzida e com a ajuda do inglês que conheço eu li”.

A resposta da aluna aponta para utilização efetiva do idioma nas relações com o mundo, conforme defende os documentos oficiais como PCN (1998) e Proposta Curricular (2008). Além disso, a colaboradora leu um gênero que foi trabalhado no ano letivo de 2013, quando estava na segunda série do Ensino Médio, etapa que o Currículo do Estado orienta o trabalho com os gêneros sinopse e resenha, dentro da temática sobre filmes.

Esse comentário ilustra o que defende a abordagem com ênfase no letramento, quando o aprendiz tem contato com diferentes modalidades da língua e as utiliza em um contexto real, no caso, compras online. A aluna demonstra interesse em utilizar o idioma no futuro, tendo a intenção de ser tradutora de livros.

A colaboradora B3 demonstra o desejo de ter mais tempo para cursar inglês para ter a chance de obter um emprego nos EUA. Essa observação apresenta aquela noção de que é preciso fazer um curso de inglês para progredir no idioma. É a ideia que somente em uma escola de idiomas é que se desenvolve na língua inglesa, reforçando a concepção da oralidade da língua, desconsiderando o trabalho que é feito na escola pública, que busca orientar os alunos no uso e reflexão do idioma, principalmente na forma escrita. Esse comentário é importante no sentido de se abrir espaço para a oralidade, pois é um grande atrativo para os alunos, pois muitos desejam falar e se comunicar em inglês.

A noção de comunicação com outros povos é também salientada por C1, que mostra o desejo de se desenvolver na fluência do idioma a ponto de morar na Europa. Esse comentário mostra a noção do inglês como língua internacional e como um meio de se comunicar com o mundo, independentemente se o idioma é a língua nativa ou não de determinado país.

A participante A4 sintetiza praticamente o que esse grupo de alunos pensa na finalidade de aprender inglês: “A língua inglesa é muito importante para mim, pois me possibilita ter maior conhecimento sobre o mundo, história, costumes, pensamentos e notícias”. Essa visão sobre a importância e a finalidade do idioma vai ao encontro do que Kern (2000) defende sobre a visão de letramento e a visão que o professor e a escola têm para a sociedade, de não apenas instruir em uma língua estrangeira, mas mostrar outras formas de ser e de estar no mundo.

Na entrevista, C2 reitera o que havia afirmado sobre os planos futuros para a utilização do idioma, quando diz pretender cursar Letras e justifica que o inglês será muito importante

para a sua possível carreira, que é o de tradutora. Assim como C2, A2 demonstra ciência sobre qual profissão seguir no futuro e por que o idioma seria importante: “eu preciso, pois quero chegar ao **doutorado**, é necessário outras línguas e o **inglês é uma língua universal**, todo mundo sabe”

Depois dessa justificativa, perguntei qual seria a carreira que ela gostaria de seguir e ela me respondeu que quer cursar Psicologia. O comentário sobre o inglês como língua universal e a sua importância no mundo acadêmico e profissional apenas reforça o que os alunos estão estudando nas escolas sobre o papel do inglês como a língua do mundo e meio de comunicação com outros povos.

Nas próximas seções, continuo abordando os resultados obtidos por meio dos instrumentos questionário e entrevista, interpretando os resultados sob à luz da teoria de Ciampa (2005) e Rajagopalan (2002) (2003), sobre a formação de identidades, e Jodelet (1989) e Moscovici (2003) que discorrem sobre representações sociais.

3.2 De que maneira o inglês influencia na formação de identidade do aluno

Nesta seção, as questões de número 6, 9 e 10 do questionário e as da entrevista são discutidas com o embasamento teórico de Ciampa (2005) e Rajagopalan (2002 e 2003) no que tange à formação de identidades. Algumas dessas questões foram comentadas nas seções anteriores sob a visão de ensino-aprendizagem de inglês.

Na pergunta 6 do questionário, a importância do inglês foi discutida. Basicamente, os colaboradores apresentaram a imagem do inglês como a língua mais falada, meio de comunicação e algo necessário para o mundo do trabalho. Os alunos projetam essa importância pelo que eles acompanham nas mídias ou presenciam no cotidiano.

A aluna C2 apresenta uma noção de como o inglês é importante na formação de nossa identidade e no nosso lugar no mundo: “Nas roupas que usamos, músicas que ouvimos, filmes que assistimos, nos empregos de hoje em dia que solicitam o conhecimento de inglês”. Nessa observação, percebe-se a influência do famoso *American Way of Life* no modo dos alunos se vestirem, ouvirem música e na forma de se estabelecerem no mundo por meio do conhecimento e de uma ocupação profissional. Tanto Ciampa (2005) como Rajagopalan (2003) identificam o indivíduo não como um ser isolado, mas um ser que se constrói e se desconstrói em contato com a sociedade.

Ciampa (2005) afirma que o indivíduo nunca é isolado, sempre como humanidade. No comentário de C2, mesma estando no Brasil, a pessoa marca presença na sociedade usando

roupas de marcas estrangeiras, principalmente americanas e européias, ouvindo músicas, sobretudo americanas, e a grande influência dos filmes hollywoodianos. É frequente presenciarmos pessoas com camisetas com os dizeres em inglês e em algumas vezes não entenderem o que está escrito. Além disso, há as lojas com cartazes como “50% off” ou “on sale” e ainda, jogos para computador ou séries de televisão em que os títulos se mostram em inglês.

Essa presença maciça do idioma acaba influenciando o modo de ser e de pensar das pessoas e os colaboradores da pesquisa não são exceção, visto que eles estão inseridos nessa sociedade e o indivíduo marca lugar por meio do contato com ela.

Na pergunta 10 do questionário, o colaborador A3 responde sobre a contribuição do inglês para sua vida e as perspectivas para o futuro: “**O Inglês me conectou com o mundo** de uma forma diferente, fazendo com que eu tivesse o conhecimento em relação à cultura, costumes, tradições, língua de outros países”.

Na fala de A3, percebe-se a ligação que ele faz com os outros por meio da língua inglesa, reforçando a ideia de que o indivíduo se completa pela relação que estabelece com a sociedade, conforme Ciampa (2005) salienta, o indivíduo como humanidade (eu + o outro) e Rajagopalan (2002) ao defender a concepção de que a pessoa se molda pelo discurso, construindo e desconstruindo sua identidade.

Os documentos oficiais, como PCN (1998) e Proposta Curricular (2008) justificam a o estudo da língua estrangeira com o propósito do aprendiz ter contato com outros modos de ser e de pensar e, levando o conceito de formação e construção de identidades predominante nesta pesquisa, esse contato proporciona a ressignificação da identidade, já que ela é algo que está em constante processo de construção, nunca considerada como algo pronto e acabado.

Nas entrevistas, principalmente ao serem perguntados sobre o nível de conhecimento de inglês, há duas falas antagônicas de dois alunos sobre a imagem que eles projetam de si mesmos ao falar do idioma. Os alunos em questão são B2 e C3.

O participante B2 projeta uma imagem positiva do seu conhecimento de inglês ao dizer que, em relação à fluência, o seu nível é alto. Já C3, diferentemente, apresenta uma imagem negativa do seu entendimento da língua: “Mediante aos meus padrões, ele é baixo”. A seguir ele justifica o porquê dessa classificação: “no nível que fiz, o tempo que eu fiz não é certo, não deveria acontecer”.

Na fala de C3 percebemos um grau de exigência grande para o que ele considera de nível ideal de inglês. No questionário ele havia colocado como nulo o seu conhecimento, apesar de ter feito uma apresentação oral do idioma e de ter destaque nas atividades em sala.

Essa imagem exigente que ele projeta de si mesmo talvez seja um reflexo das demandas da sociedade moderna, já que, há pouco tempo, se a pessoa tivesse um curso técnico já era suficiente para conseguir um bom emprego, mas atualmente curso superior, domínio de idiomas estrangeiros e cursos de especialização nem sempre são sinônimos de boa colocação no mercado de trabalho.

C3 apenas reproduz a imagem que a sociedade exige de um indivíduo e como a pessoa se completa com a relação com os outros, sendo que essa concepção é reforçada pelo fato do aluno ter feito curso de inglês por mais de um ano e, na opinião dele, a compreensão oral já deveria acontecer.

B2 tem uma imagem de si completamente diferente, considerando a sua fluência no idioma como elevada, apesar de a ter colocado como regular no questionário. A diferença entre C3 e B2 está no fato em como eles interpretam o conhecimento deles sobre algo, no caso, nível de inglês. C3, talvez reproduzindo o grau atual de exigência da sociedade, tem uma avaliação mais rígida de si mesmo enquanto que B2 tem uma relação mais positiva e está no momento satisfeito com o que sabe do idioma.

Na próxima seção, o tema da representação social é abordado tanto nas respostas fornecidas para o questionário como aquelas obtidas por meio da entrevista. Jodelet (1989) e Moscovici ilustram a análise dos dados.

3.3 A representação que o aluno tem da língua, cultura e das nações anglófonas

Nessa seção, há a análise das perguntas 6, 9 e 10 do questionário e as três perguntas da entrevista. Há a utilização de quadros com o propósito de facilitar a identificação dos dados ou resumir em palavras-chave o que os alunos responderam e qual representação eles fazem sobre determinado assunto. A teoria de Jodelet (1989) e Moscovici (2003) são importantes na interpretação das respostas que os alunos forneceram aos instrumentos de coleta.

Na pergunta 6, em que os alunos discorrem sobre a importância do inglês na vida deles e na sociedade, eles apresentaram o idioma com algo muito relevante para os dias atuais. Os colaboradores A1, A2 e A4 salientaram o papel do inglês como a língua mais falada, importante para a globalização e para o mundo. A aluna C1 sintetiza a ideia dos demais denominando o idioma como a língua mundial.

Já A3, assim como outros apontaram em suas respostas, acredita que o inglês é sinônimo de melhores oportunidades de emprego. A aluna C2 consegue ilustrar a importância

e a influência do inglês com o seguinte comentário sobre como o idioma é importante: “nas roupas que usamos, músicas que ouvimos, filmes que assistimos, nos empregos de hoje...”

Todas as respostas acima mostram a importância do inglês como meio de comunicação e a sua presença maciça no mundo profissional, da moda e do entretenimento. Se levarmos em consideração a teoria da representação social abordada por Jodelet (1989), verifica-se que há uma construção coletiva partilhada, pois essa ideia da influência do idioma no cotidiano é largamente divulgada em nossa sociedade dos mais diversos meios, já que a língua inglesa está presente no entretenimento, na moda e no mundo corporativo, no caso das multinacionais. Essa representação é extraída pela realidade que eles vivenciam e percebem por meio da televisão, internet, propaganda, etc. Com o propósito de ilustrar a representação da língua inglesa, exponho o Quadro 7 a seguir.

Quadro 7 – A importância do inglês

O inglês é:
<ul style="list-style-type: none"> • A língua mais falada • A língua mundial • Importante para o mundo globalizado • Melhores oportunidades de emprego • Moda, entretenimento e mundo corporativo

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor

Na pergunta 9, foi solicitado aos participantes que fizessem uma comparação entre o Brasil e os países de língua inglesa. Para A1, os países anglófonos são mais interessantes, mais desenvolvidos do que o Brasil no campo da educação, costumes e cultura. Já para C1, eles nos influenciam por completo, já que, segunda a colaboradora, por exemplo, os brasileiros preferem músicas internacionais, pois tocam em todo lugar. Lembrando que quase a totalidade das canções estrangeiras é executada nesse idioma. C3 afirma que somos influenciados por meio das marcas e produtos. Por fim, C4 coloca os Estados Unidos e a Inglaterra como mestres para o Brasil. Para sintetizar as respostas e auxiliar na análise das representações, apresento abaixo o Quadro 8.

Quadro 8 – Brasil X países de língua inglesa

Brasil	Países de língua inglesa
<ul style="list-style-type: none"> • Aprendiz • Menos desenvolvido na área educacional e cultural • É influenciado 	<ul style="list-style-type: none"> • Exemplos para o Brasil (EUA e Inglaterra são os mestres) • Mais desenvolvidos em educação e cultura • Influenciam por meio das músicas, produtos e marcas

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor

Nas representações que os alunos fazem desses países, há imagens positivas e favoráveis, sobretudo EUA e Inglaterra, contrastando com a imagem negativa e desfavorável para o Brasil na comparação. Moscovici (2003), ao discorrer sobre as representações sociais, apresenta a noção de objetivação que é reproduzir um conceito em uma imagem. Ao comparar o Brasil com os países de língua inglesa, os alunos reproduziram o que eles vivenciam seja pela realidade, seja pelo o que é informado nos meios de comunicação, que é a imagem positiva, de poder e de desenvolvimento, representada principalmente por EUA e Inglaterra, e essa realidade influenciando países de grau de desenvolvimento inferior, como é o caso do Brasil.

Na pergunta 10 do questionário, quando os alunos discorreram sobre os planos futuros com a língua inglesa, a representação do idioma é altamente positiva e sinônimo de progresso e bem-estar, por exemplo, as alunas B3 e C1 salientam essas qualidades do idioma. Já a colaboradora B3 dá a seguinte resposta: “Queria possuir mais tempo livre para cursar **Inglês**, pois quero ser fluente e **progredir em um emprego a ponto de trabalhar nos E.U.A.**”. Já C1 justifica a sua visão da seguinte maneira: “O **inglês** é completamente necessário se quisermos **viver bem** pois está **presente nas entrevistas de emprego e tudo mais**”.

Nas falas das duas alunas, há opiniões semelhantes e representações parecidas. Enquanto que para B3, a fluência no idioma representa a chance de progredir profissionalmente a ponto de trabalhar nos Estados Unidos, para C1 é mais que isso, é viver bem pessoal e profissionalmente, representando, no caso dela, chance de morar na Europa, como ela colocou mais de uma vez nos instrumentos.

Essa imagem que essas duas alunas fazem de progressão e bem-estar se juntam às de desenvolvimento e poderio que os demais colaboradores citaram na questão anterior, reiterando uma imagem extremamente positiva da língua inglesa e dos países que a tem como

idioma materno. Se utilizarmos a teoria de representação social adotada neste estudo, no caso Jodelet (1989), é perceptível a questão de valores compartilhados socialmente, reforçados pela presença do inglês no nosso cotidiano.

Se levarmos em consideração o conceito apresentado por Moscovici (2003), mais uma vez tem-se o exemplo da objetivação, já que há uma imagem positiva concretizada sobre o domínio do idioma, possibilitando a ascensão e realização pessoal e profissional.

Os resultados coletados das entrevistas complementam o que foi observado nos questionários, fornecendo outros indicativos da língua inglesa e os países que a têm como oficial.

Nas três perguntas da entrevista, eles fizeram comentários sobre o nível de inglês e como buscam conhecimento na questão 1, as representações das nações de língua inglesa, as semelhanças e diferenças com o Brasil na segunda e, na pergunta 3, eles apresentavam as suas intenções no futuro com o idioma. Essas perguntas foram uma continuação dos questionários e a intenção de colocá-las foi de tentar responder às perguntas de pesquisa que norteiam o trabalho. Ademais, tentou-se na entrevista observar se as respostas dos alunos completariam, convergiriam ou divergiriam com o que havia sido apresentado nos questionários.

Na primeira pergunta, ao serem questionados sobre o nível e o aprendizado de inglês, os alunos citaram filmes, jogos e, principalmente, a música como fonte de conhecimento e progresso no idioma, como, por exemplo, A2, A3, C1, C2 e C3. A participante A3 diz que tem conhecimento do inglês por meio de música, reforçada por A2, que diz ouvir muita música para evoluir o idioma.

Já C2 parece apresentar uma visão geral de como buscar conhecimento da língua: “o inglês não é necessário que você necessariamente em um curso é...particular para que você aprenda. Existe muitas formas música, textos, filmes”. Ao que parece, a escola tradicional deixou de ser o lugar do conhecimento, sendo substituída ou pelos cursos de línguas ou por outrora considerados apenas fontes de lazer para serem chamados de fontes do conhecimento. A imagem que os jogos de videogame, filmes e músicas passam para os alunos é uma concepção da língua em uso, saindo da abstração da teoria para se chegar ao uso concreto nessas situações

Assistindo aos filmes, ouvindo músicas ou brincando nos jogos eletrônicos em que o idioma é utilizado, constrói-se uma imagem de que o idioma é algo real, próximo e palpável e que é possível aprendê-lo por meio dessas ferramentas. Ao refletir e ter contato com o idioma, os colaboradores têm conhecimento da importância do idioma no nosso cotidiano e

representam o idioma da seguinte maneira: “...eu acho também que (o inglês) **abre mais portas**” (C1); “é porque o ramo de **inglês é muito abrangente**” (C2).

A metáfora de “abrir portas”, largamente utilizada em nossa sociedade, exemplifica a opinião dessas alunas e dos demais colaboradores sobre a representação que eles têm ao estudarem o idioma e o que ele pode proporcionar na vida deles. Mais uma vez, eles reproduzem os valores partilhados socialmente em que a língua estrangeira, particularmente o inglês, é um mecanismo que faz abrir portas para as oportunidades de ascensão social e o contato com o idioma, por meio de suas realizações na música e nos filmes, possibilita o percurso desse caminho.

No Quadro 9 a seguir, sintetizo as informações acima, com o intuito de facilitar apresentação da imagem que os alunos têm do estudo do inglês e as vantagens do idioma.

Quadro 9 – Estudo do inglês e vantagens do idioma

Estudo do inglês	Vantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Músicas • Filmes • Jogos • Textos 	<ul style="list-style-type: none"> • Abre portas • Ramo abrangente

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor

Na pergunta 3, ao serem questionados sobre planos futuros para a utilização do idioma, as colaboradoras C2 e A2 citam o campo profissional, como exemplo. Elas possuem uma clara noção do que pretendem exercer no futuro. C2 diz que pretende trabalhar com tradução, sendo que tem o objetivo de cursar Letras para alcançar o seu desejo. Já a aluna A2 diz querer fazer doutorado e, na opinião dela, línguas estrangeiras são necessárias. A imagem que ela passa da língua inglesa para a realização da sua meta é a seguinte: “o inglês é uma **língua universal**, todo mundo sabe”.

Na fala das duas alunas, percebe-se similaridade, pois C2 diz que o inglês é necessário para a sua área específica e A2 diz ser importante para se chegar a um Doutorado. A representação que A2 faz do inglês como língua universal é um conceito que é bastante difundido em nosso dia a dia, pois o idioma adquiriu esse status devido a sua influência nas áreas do conhecimento, tecnologia, cultura, moda e entretenimento. Essa classificação que a

língua goza é a mesma que o francês tinha até meados do século XX, assim como o grego e latim possuíam na Antiguidade.

Na pergunta 2 da entrevista, em que foi solicitada aos participantes a representação que eles têm de países anglófonos e a comparação com o Brasil, eles complementaram o que haviam apresentado no questionário, mas, como se sentiram mais à vontade para falar e adaptados à situação de serem gravados, forneceram outros exemplos interessantes sobre a representação dos países.

O aluno C4 responde da seguinte maneira à questão abordada: “quando um **país** tem o **inglês** como **língua primária**, você imagina um país **forte**, de **elite** mesmo”. Essa visão é compartilhada por B2, ao comparar o Brasil com os países de língua inglesa no que concerne à língua: “O Brasil não tem a mesma força do inglês como esses países estrangeiros” O colaborador prossegue o seu raciocínio com o exemplo dos EUA: “os **Estados Unidos** é um país **rico e tecnológico**”.

O que pode ser percebido nesses dois comentários é a relação que os alunos estabelecem entre a língua e o grau de desenvolvimento de uma nação, já que C4 imagina um país forte e de elite a partir do momento em que tem o inglês como língua oficial. Já B2 vai além, pois coloca a língua como sinônimo de força, riqueza e desenvolvimento e não como uma simples imagem.

Percebendo o comentário de B2, fiz o questionamento sobre a África do Sul, que é um país de língua inglesa, mas que possui graves problemas sociais, assim como o Brasil. O estudante deu a seguinte resposta: “isso não leva em conta a base tecnológica, na língua é um país (África do Sul) muito forte”

A aluna B4, percebendo o que estava sendo pedido na questão, complementou a afirmação de B2 dizendo que a África do Sul leva vantagem em relação ao Brasil pelo fato do inglês proporcionar a comunicação com mundo. Parafraseei o que B4 havia falado em forma de pergunta e ambos concordaram que a África do Sul tinha a vantagem de se comunicar globalmente pelo fato de ser a língua mais utilizada e estudada.

O que se pode depreender desses exemplos que, no primeiro momento, B2 e C4 reproduzem o que prevalece no imaginário coletivo de que países de língua inglesa, sobretudo Estados Unidos e Inglaterra, são sinônimos de força, riqueza e desenvolvimento. Eles representam o que foi construído socialmente e é essa a imagem que esses países possuem.

Já no exemplo da África do Sul, como é um país que tem pouca influência e presença no Brasil, ocorreu a ancoragem, termo cunhado por Moscovici (2003), pois o aluno

transformou o objeto desconhecido, a África do Sul e seus problemas sociais, em algo conhecido, país de língua inglesa que pode se comunicar com o restante do mundo.

As alunas A1 e A4 reforçam esse estereótipo positivo e também usam o exemplo dos Estados Unidos, como faz A4: “sabemos que os **Estados Unidos** é uma **potência mundial**”. Já A1 reforça a imagem e mostra a predileção pela cultura anglo-saxônica: “Acho que esses são bem desenvolvidos no ensino, na economia...eu gosto da cultura desses países”.

Ao serem questionadas sobre o Brasil, A1 diz que o Brasil está crescendo economicamente e possui uma cultura diversificada. Já A4 utiliza a seguinte imagem para descrever o país: “nada é só samba ou futebol”.

Nos comentários sobre os países anglófonos, elas não fazem comparação com Brasil e nem os colocam em posição de superioridade, apesar de apresentarem um retrato positivo, assim como os demais colaboradores. O que é perceptível nesses comentários é que o Brasil possui um potencial subutilizado e que é resumido, de acordo com as palavras de A4, pelo samba e futebol, representações largamente difundidas no exterior.

Com o propósito de sintetizar essas imagens apresentadas pelos alunos na entrevista, apresento o Quadro 10 a seguir:

Quadro 10 - Representações de países de língua inglesa e o Brasil

Países de Língua Inglesa (sobretudo EUA)	Brasil
<ul style="list-style-type: none"> • Força • Elite • Desenvolvimento • Riqueza 	<ul style="list-style-type: none"> • Cultura • Atrações além do samba e do futebol • Poucos falantes fluentes do inglês

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor

O que se pode considerar, baseado nos resultados dos questionários e entrevistas é de que as atividades de lazer como, escutar uma música, assistir a um filme e jogar um jogo eletrônico são representados como fontes de conhecimento na língua e o inglês é considerado como língua mundial e a mais falada, influenciando-nos na moda, trabalho e entretenimento, e proporcionando melhores oportunidades de emprego.

Já na questão da representação dos países em questão, tanto nos questionários como nas entrevistas, a imagem dos países de língua inglesa é positiva, sobretudo os Estados

Unidos e, em menor número, a Inglaterra. Adjetivos como desenvolvidos, influenciadores e mestres são comuns nos dois instrumentos de coleta.

Já no que concerne ao Brasil, houve diferenças entre o que foi coletado nos questionários e nas entrevistas. No questionário, o Brasil é visto como menos desenvolvido na área econômica e educacional, influenciado pelos países anglofônos e aprendiz destes. Já na entrevista, a imagem do Brasil não é vista tão negativamente, apontando como um país de cultura diversificada e de potencial além do samba e do futebol.

A seguir, teço as minhas considerações finais, apresentando as respostas às perguntas de pesquisa, desdobramentos do trabalho e perspectivas para futuras pesquisas para essa área de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei a escrever este trabalho, em março de 2014, tinha a intenção de trabalhar com noções como representações sociais e construção de identidades. Alguns autores e conceitos aprendidos na graduação e no curso de Especialização poderiam ser utilizados na pesquisa a fim de responder as perguntas norteadoras.

O objetivo foi sempre o de trabalhar com os alunos, pois sempre acreditei que eles poderiam fornecer dados e informações relevantes não só para a pesquisa, mas para o aprimoramento da minha prática docente. A turma de terceira série foi escolhida por se tratar de um final de ciclo e por eles serem mais maduros e experientes dentro da educação secundária para fornecer respostas importantes para a pesquisa.

No decorrer do estudo, com o auxílio da minha orientadora, fui delineando os autores que trabalharia e os temas a serem abordados. A princípio seriam dois temas e três ou quatro autores por assunto. Entretanto, com a finalização das etapas e depois de ler alguns textos teóricos o trabalho foi segmentado em três grandes temas: 1) Representações sociais, sendo os maiores expoentes Jodelet (1989) e Moscovici (2003); 2) Formação de Identidades, com Ciampa (2005) e Rajagopalan (2002, 2003, 2006); 3) Visões e Ensino-Aprendizagem, com os documentos oficiais como PCN (1998) e Proposta Curricular (2008), além do teórico Kern (2000). Essas seriam as fontes de consulta.

Após a finalização do capítulo sobre a teoria, a segunda e mais importante fase do trabalho foi a coleta de dados. Confesso que foi uma etapa complicada, pois desde o começo tinha a intenção de trabalhar com dois instrumentos: questionário e entrevista. Inicialmente, tinha a meta de trabalhar com um número de 30 alunos nos dois eventos. Na fase dos questionários, ocorrida no final de agosto de 2014, nas três turmas em que lecionei, 37 estudantes se dispuseram a participar.

Todos os alunos que se voluntariaram responderam com seriedade o questionário. Informei-os de que a próxima etapa seria uma entrevista e que participariam aqueles que trouxessem a autorização para participação do trabalho preenchida pelos pais, pois se tratava com alunos menores de idade.

Após a realização da pesquisa, surgiu, talvez, a fase mais difícil da pesquisa, que foi o de se chegar a um número exato de alunos para participarem do trabalho. Decorridas três semanas, 28 alunos trouxeram as autorizações. O número era bem próximo do que foi proposto inicialmente, que era o de 30 alunos, das três séries. Entretanto, entrevistar todos os

alunos seria inviável, dado o curto espaço de tempo para a conclusão do trabalho e a minha disponibilidade e a dos alunos para tal tarefa.

Após a análise das respostas, foram determinados critérios para a participação da pesquisa, como por exemplo: autorização assinada pelos pais, diferentes níveis de conhecimento de inglês e respostas importantes para o tema representação social de países de língua inglesa e Brasil e o objetivo de se utilizar a língua no futuro.

Após a adoção dos critérios de seleção, chegou-se ao número de 17 alunos para entrevista. Ela se deu no final de outubro, época de muitas atividades de outros professores e a atividade que eu estava coordenando sobre o Halloween, junto com outra professora de inglês e um professor de artes.

Devido ao calendário movimentado, decidi fazer as entrevistas em grupo, a fim de não haver prejuízo para ambas as partes. Dos 17 pré-selecionados, 4 faltaram e 13 alunos, pertencentes das três séries, participaram do evento. Se essa fase foi difícil, assim como se chegar ao número e participantes e critérios de participação, posso dizer que o bom relacionamento que possuía com os alunos, aliado à dedicação e seriedade deles, facilitou e muito meu trabalho.

Depois de alguns encontros com minha orientadora e alguns equívocos da minha parte, chegamos ao número de 13 questionários e entrevistas a serem analisados. Na parte de metodologia, houve a explicação dos procedimentos e a teoria sobre os instrumentos de coleta como o questionário e a entrevista. O embasamento teórico foi feito de acordo com os conceitos de Nunan (1996), Minayo (2009), Van Lier (2005), Liberali (2011) e outros.

A análise dos dados seguiu a teoria que embasa esse trabalho sobre os três tópicos: representações sociais, formação de identidades e visões de ensino-aprendizagem. Dentro da interpretação, procurei responder as perguntas que direcionaram este trabalho.

Depois de muita análise e interpretação, as perguntas norteadoras foram respondidas da seguinte maneira:

- 1) No primeiro questionamento do trabalho, que era sobre a contribuição do inglês para a construção de identidades de alunos da terceira série do Ensino Médio de uma escola pública, foi observado, de acordo com os dados fornecidos nos instrumentos, que o inglês é importante na construção de identidade deles, pois muitos mostraram predileção para músicas, filmes e jogos em que este idioma está presente. Muitos enxergam o inglês como um meio para ascender socialmente, para se comunicar, para viajar e morar no exterior. Alguns colaboradores citaram

que no futuro utilizarão o idioma nas suas carreiras. Eles consideram o inglês como uma ferramenta para se completarem na vida pessoal e profissional

- 2) Na pergunta sobre a influência do inglês no modo de pensar e ver o mundo, os envolvidos veem o idioma no seu cotidiano, por exemplo, nas roupas que usam, nos filmes a que assistem e na música que escutam. A representação que eles têm, por exemplo, das nações anglófonas, é a de países desenvolvidos, poderosos, sobretudo os Estados Unidos, que possuem enorme presença no Brasil, sendo o inglês um fator de sucesso em nossa sociedade.
- 3) Na pergunta que verificava o interesse dos alunos com o idioma, todos os participantes do estudo demonstraram interesse no idioma e intenção de aperfeiçoar seus conhecimentos, por meio de cursos de idiomas, intercâmbios e até faculdade de Letras.
- 4) Na questão que aborda o papel do inglês na sociedade, eles colocaram o fator de comunicação como fundamental, considerando o idioma como língua universal e mundial, conceitos amplamente divulgados em nossa sociedade. Consideraram o inglês como um meio de ter contato com outras culturas e oportunidades profissionais e de viagem.
- 5) Nos planos para se utilizar o idioma no futuro, as respostas seguiram a direção de estudos, viagens e trabalho, sendo o último predominante nas respostas nos questionários e nas entrevistas.

Vejo que essa pesquisa corroborou com os resultados obtidos por Ricci (2007) e Souza (2009) sobre o interesse dos alunos sobre o idioma e Cunha(2003) no que concerne às representações sociais, embora a autora tenha trabalhado com professores que refletiram sobre o seu papel em sala de aula, as representações sobre o processo de ensino-aprendizagem de inglês foram parecidas. A pesquisa também se aproxima com o que foi apresentado por Passoni (2004), no caso da representação que o professor tem sobre a língua e sua aplicabilidade social.

Acredito que essa pesquisa tenha ajudado de alguma maneira nos estudos de visões de ensino-aprendizagem, formação de identidades e representações sociais, pretendendo dar continuidade nas pesquisas desse tema a fim de proporcionar uma relação professor-aluno e um processo de ensino-aprendizagem mais eficiente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Estrangeira** Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília. MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais – Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, MEC / SEB, 2006.

CELANI, M. A. A. **Não há receita para o ensino de língua estrangeira.** São Paulo. 2009. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-estrangeira/fundamentos/não-há-receita-ensino-aprendizagem-450870.shtml> >. Acesso em 25 ago. 2013.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a estória da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

CUNHA, A. M. A. **A prática reflexiva do professor de Inglês: Mudanças de Representações e construção de identidades.** 131 f. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.

EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, n.172, Setembro de 2012. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com> >. Acesso em 18 set. 2014.

IPEA – ipea.gov.br, Outubro de 2013. Disponível em: < http://www.ipea.gov.br/porta/index.php?option=com_content&view=article&id=20012 > Acesso em 09 jan 2015

JODELET, D. **Les representations sociales**, Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

KERN, R. **Literacy and Language Teaching**, Hong Kong: Oxford University Press, 2000.

LIBERALI, F. **Para pensar a metodologia de pesquisa nas ciências humanas.** Santo André. jan/jun. 2001. Disponível em: < www.interfainc.com.br/inter01.pdf >. Acesso em 07 set. 2013.

MINAYO, M.C.S., DESLANDES, S. F e GOMES, R. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 28. ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2009.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais.** Investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NUNAN, D. **Research Methods in Language Learning**. New York: Cambridge University Press, 1996.

O GLOBO – **oglobo.globo.com**. Rio de Janeiro, Outubro de 2012. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/economia/emprego/brasileiros-nao-sabem-falar-ingles- apenas-5-dominam-idioma-6239142> > Acesso em 10 mar. 2014.

ONG TODOS PELA EDUCAÇÃO – www.todospelaeducacao.org.br. São Paulo, Abril de 2014. Disponível em: < <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/30107/desvalorizacao-do-professor-o-maior-limitador-da-nossa-melhoria-na-educacao/?pag=3> > Acesso em 19 jan. 2015

PASSONI, A. **Representações sobre o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira de um curso de Letras**. 105 f. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004

RAJAGOPALAN, K. A semântica de identidade e a pragmática de identificação. In: **Crop**: revista da área de língua e literatura inglesa e norte-americana do Departamento de Letras Modernas / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo: Humanitas, 2003.

_____. A confecção do memorial como exercício de reconstrução do self. In: **Identities**: recortes multi e interdisciplinares / Luiz Paulo da Moita Lopes e Liliana Cabral Bastos (Org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

RAJAGOPALAN, K. e FERREIRA, D.M.M. (Org.). **Políticas em linguagem**: perspectivas identitárias. São Paulo: Mackenzie, 2006.

RICCI, A. **Representações sobre o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa dos alunos de 5ª e 8ª séries de uma escola pública do Estado de São Paulo**. 117f. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

SÃO PAULO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**: Inglês / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.

SOUZA, Z. F. de. **Representações de alunos sobre ensinar-aprender inglês e seu (des)interesse em estudar essa língua**. 130f. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

VAN LIER, L. Case Study. In: HINKEL, E. (Ed.). **Handbook of research in second language teaching and learning**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Publishers. 2005. p. 195-208.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário da pesquisa

O seguinte questionário tem como objetivo coletar informações sobre a possível influência do inglês em alunos de escolas públicas, contribuindo para a formação de identidade dos estudantes. Este é o tema da minha monografia, do curso de Especialização em Práticas Reflexivas, que está em andamento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A sua participação é muito importante para o desenvolvimento do trabalho e o seu nome ficará em sigilo.

1. Entre as pessoas que moram com você, quem tem escolaridade mais alta?

- da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário).
- da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio).
- Ensino Médio (2º grau) incompleto.
- Ensino Médio (2º grau) completo.
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Outros. Qual?

2. Quais dos itens abaixo você utiliza em casa para se divertir ou estudar inglês?

- TV a cabo ou via TV via satélite
- Aparelho de TV
- Aparelho de DVD
- Rádio com CD player
- Livros em inglês
- Revista em inglês
- CD de músicas em inglês
- telefone celular

3. Como você assistiu a filmes que têm como língua original o inglês?

- em inglês e sem legendas
- em inglês e legendas em inglês
- em inglês e legendas em português
- dublado para o português e legendas em inglês
- dublado para o português e sem legendas

4. Quando você ouve a uma música em inglês;

- procura saber o sentido em português
- procura saber o sentido em inglês
- procura saber a pronúncia correta das palavras
- procura cantar com pronúncia e entonação próximo do original
- não se preocupa com o significado da letra

5. Como você classifica o seu conhecimento em Língua Inglesa?

quase nulo

péssimo

regular

bom

ótimo

6. Qual é a importância do inglês na sua vida, na sociedade?

7. Onde você vai buscar conhecimento sobre o idioma?

8. Você estuda inglês em instituto de línguas?

9. Qual é a sua opinião sobre o Brasil e os países de língua inglesa, como, por exemplo, Estados Unidos, Reino Unido, Austrália, África do Sul em relação à cultura, costumes, língua, etc?

10. Qual é a contribuição do inglês na sua vida? Você utiliza o idioma ou pretende utilizá-lo no futuro?

ANEXO B – Roteiro da entrevista semiestruturada

1. Como você avalia o seu nível de inglês? Justifique?
2. Qual é a representação que você faz de países de língua inglesa como Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e África do Sul? E o Brasil, como você o vê?
3. Você utiliza ou pretende utilizar o inglês no futuro?

ANEXO C – Documentos para o Comitê de Ética



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO-
PUC/SP



Dados do Projeto de Pesquisa

Título da Pesquisa: O Ensino da Língua Inglesa e a Construção da Identidade Social

Pesquisador: Kurt Davi Goulart Brum

Área Temática:

Versão:

CAAE: 30659114.4.0000.5482

Submetido em: 10/04/2014

Instituição Proponente: Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

Situação: Aprovado

Localização atual do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio